WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
Abril
ESCRAVOS DA BOLA
Sem registro, sem dinheiro, sem comida. São os explorados do futebol
Sinal verde
Contrataçõe
e cofre chei
o Palmeira
é grande
Chega de bullying!
No Inter, Réver qu
os títulos que nã
levou no Grêmi
EIXO DE MINAS
Como CRUZEIRO e GALO dominaram o futebol brasileiro — e botaram SP e Rio na roda
Estrela solitária do Botafogo, goleiro assume a bronca: “Minha missão é mostrar que a gente pode”
Jefferson
O REDENTOR
ISSN 977-0104-17600-0
9 770104 176000 01400
ED. 1400 X MARÇO 2015 X R$13,00

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Fábio Colletti Barbosa, José Roberto Guzzo

Presidente Abril Mídia: Fábio Colletti Barbosa

Presidente Editora Abril: Alexandre Caldini

Diretor-Superintendente de Assinaturas: Dimas Mietto

Diretor de Marketing Corporativo: Ricardo Packness de Almeida

Diretora de Mobilidade: Sandra Carvalho

Diretora de Publicidade Corporativa: Ivanilda Gadioli

Diretor de Apoio Editorial: Edward Pimenta

Diretora-Superintendente: Dulce Pickersgill

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor: Marcos Sergio Silva **Editor de arte:** Rogério Andrade **Editor de fotografia:** Alexandre Battibugli **Repórter:** Breiller Pires **Designers:** Bruna Lora, L.E. Ratto **Revisão:** Renato Bacci **PLACAR Online:** Rodolfo Rodrigues (editor), Ricardo Gomes (repórter) **Coordenação:** Cristiane Pereira **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich, Walkiria Giorgino, Sonia Santos, Carolina Garofalo **CTI:** Eduardo Blanco (supervisor)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE UN HOMEM & LIFESTYLE – Diretor de publicidade: Alex Foronda **Pequenas e Médias – Gerente:** Fernando Sabadin **Executivos de negócios:** Adriana Mendes, André Bortolai, Claudia Galdino, Fernanda Melo, Leandro Thales, Lúcia Helena, Luisiane Ferreira, Marcello Almeida, Marta Veloso, Mauricio Ortiz, Mayara Brigano, Vera Reis de Queiroz **MARKETING – Diretora:** Carol Catto **CIRCULAÇÃO – Gerente:** Cézar Almeida **EVENTOS – Gerente:** Marcella Bognar **MARKETING PUBLICITÁRIO – Gerente:** Jair Oliveira **PUBLICIDADE REGIONAL – Diretor:** Jacques Ricardo **Gerentes:** Grasiele Pantuzo, Ivan Rizental, Kiko Neto, Mauro Sannazzaro, Sonia Paula, Vania Passolongo **PUBLICIDADE RJ** – Andréa Veiga **PUBLICIDADE INTERNACIONAL** – Alex Stevens

APOIO – PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES – Gerente: Camila Lima **PROCESSOS – Gerente:** Ricardo Carvalho **DEDOC E ABRIL PRESS** Elenice Ferrari **PESQUISA E INTELIGÊNCIA DE MERCADO** Andrea Costa **CIRCULAÇÃO** Andrea Abelleira **RECURSOS HUMANOS** Camila Morena, Marizete Ambran e Regina Cordeiro (Consultoria), Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Saúde e Serviços), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior:** www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura e Construção, Boa Forma, Capricho, Casa Claudia, Casa Claudia Luxo, Claudia, Claudia Filhos, Contigo!, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Guia do Estudante, Guia Quatro Rodas, Info, Men's Health, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Publicações Disney, Quatro Rodas, Saúde, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja BH, Veja Brasília, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, VIP, Você RH, Você S.A., Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

PLACAR nº 1400 (ISSN 0104.1762), ano 45, março de 2015, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Presidente: Fábio Colletti Barbosa

Diretor de Finanças e Gestão: Fábio Petrossi Gallo

Diretor Superintendente de Gráfica: Eduardo Costa

Diretora Corporativa de RH: Claudia Ribeiro

Diretor Corporativo de TI: Claudio Prado

Conselho de Administração:
Giancarlo Civita (Presidente), Andre Coetzee, Hein Brand, Roberta Anamaria Civita, Victor Civita Neto

www.abril.com.br

Sérgio Xavier Filho
DIRETOR DE REDAÇÃO

PRELEÇÃO

Desarmando a bomba

O Botafogo é uma bomba-relógio. Dívidas altíssimas, salários atrasados, receitas declinantes. Os melhores jogadores foram embora nos últimos tempos. Dória, Daniel, Gabriel, a lista é enorme. Mas um ficou. E que um! Jefferson é o jogador de seleção do Botafogo. E decidiu ficar. Corajosamente. Logo ele, uma das vítimas primeiras da fase do clube. Além do problema dos atrasados, é no goleiro que estoura a crise. Quem é que aparece nos telejornais buscando a bola no fundo das redes?

Jefferson é um baita personagem e virou por isso uma das capas de março. Uma capa que tem tudo a ver com Rio. PLACAR, aliás, participa do projeto da Editora Abril em homenagem aos 450 anos da cidade. Em março, todas as revistas da Abril reverenciam de alguma forma a capital fluminense.

Outro personagem que merecia um destaque é Réver. Um dos melhores zagueiros que passaram pelo Grêmio nos últimos tempos, ele desembarcou no rival Internacional. Réver, não fosse uma lesão, poderia ter participado da Copa de 2014. Chegou ao Beira-Rio questionado. Suas primeiras atuações deixaram claro que está fora de forma. Mas ele é grande. Tem tudo para fazer história. Outra de nossas capas é a fúria compradora do Palmeiras. São 19 contratados, muita empolgação. Mas faz sentido? A conta fecha? Respostas na página 20.

E já tem Guia da Libertadores nas bancas. Em uma competição de difícil prognóstico, a revista é fundamental para fazer bonito na mesa do boteco. Uma boa leitura e você vira especialista em futebol sul-americano. Na hora.

Nosso Guia da Libertadores: para fazer bonito no boteco

CAPA BRASIL © DARYAN DORNELLES **CAPA MG** © PEDRO SILVEIRA
CAPA RS © EDISON VARA **CAPA SP** © ALEXANDRE BATTIBUGLI

COMENDO GRAMA
Luis Fabiano trava Danilo, que retruca com um tufo do gramado e a vitória corintiana no primeiro Majestoso da Libertadores

www.placar.com.br

A VOZ DA GALERA

Pedro Carlos Leite, no Facebook

Bela capa! Fazia tempo que PLACAR não dava uma capa com futebol internacional. Messi e Neymar estão voando. Suárez fecha o trio.

Patrocínios

Acho um absurdo as camisas dos times de futebol virarem abadás. Ninguém faz nada para acabar com isso. A camisa é sagrada! Deve ter outro jeito de arrumar dinheiro! Na Espanha, os torcedores do Athletic de Bilbao fizeram um protesto quando a diretoria resolveu colocar o primeiro patrocínio. Enquanto isso, colocar quatro, cinco ou seis patrocínios é a coisa mais normal do mundo. Só tem camisas horríveis.

Stefano Silvestri,
stesil87@libero.it

Cadeira cativa

HISTÓRIAS QUE SÓ O LEITOR CONTA

EU E O TERROR

José Ribeiro, de Ouro Fino (MG), participou do 4º Encontro Di Palestrinos de Ouro Fino e Jacutinga e, com os filhos Helena e José Vitor, tirou uma foto com o ídolo Evair. "Uma homenagem ao herói do dia da paixão palmeirense." Tem uma foto com o ídolo? Mande para a redação da PLACAR: placar.abril@atleitor.com.br.

Edição dos Campeões

Já estamos sem água. Já estamos sem luz. E agora estamos também sem a grande Edição dos Campeões.

Carlos Eduardo,
São Paulo (SP)

Guia dos Estaduais

Vendo o Guia dos Estaduais 2014, acredito que cometeram um equívoco. Vocês colocaram que o Brasiliense recuperou o título do DF, mas o campeão foi o Luziânia.

Luís Carlos Nogueira Ribeiro
Curitiba (PR)

Tem razão, Luís. O Luziânia aparece como campeão de 2014 na ficha do torneio, mas no texto foi publicado incorretamente que o vencedor foi o Brasiliense.

Tuitadas do mês

@yuraosccp Sensa a capa da revista @placar.

@rafanorbert O futebol brasileiro está tão amador que até @placar prefere uma capa internacional.

@barcamilgrau Capa da revista @placar do mês de fevereiro traz a dupla de ouro do futebol mundial no momento: NeyMessi.

@jfsuzim @placar A capa da edição do mês ficou boa, mas a contracapa, de muito mau gosto. Bons tempos os em que a Vera Viel anunciava a 775.

Errata

Guia dos Estaduais

Pág. 28

O nome correto do Flamengo é Clube de Regatas do Flamengo. O CEP do clube é 22430-041, e o telefone correto, (021) 2159-0100.

FALE COM A GENTE

NA INTERNET www.placar.abril.com.br **ATENDIMENTO AO LEITOR** | **Por carta:** Avenida das Nações Unidas, 7221, 14º andar, CEP 05425-902, São Paulo (SP) | **Por e-mail:** placar.abril@atleitor.com.br | **Por fax:** (11) 3037-5597. As cartas podem ser editadas por razões de espaço ou clareza. Não publicamos cartas, faxes ou e-mails enviados sem identificação do leitor (nome completo, endereço ou telefone para contato). **EDIÇÕES ANTERIORES:** Venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca acrescido das despesas de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:** Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens das publicações da revista PLACAR em livros, jornais, revistas e sites, acesse www.conteudo-expresso.com.br ou ligue para (11) 3089-8853. **TRABALHE CONOSCO:** www.abril.com.br/trabalheconosco

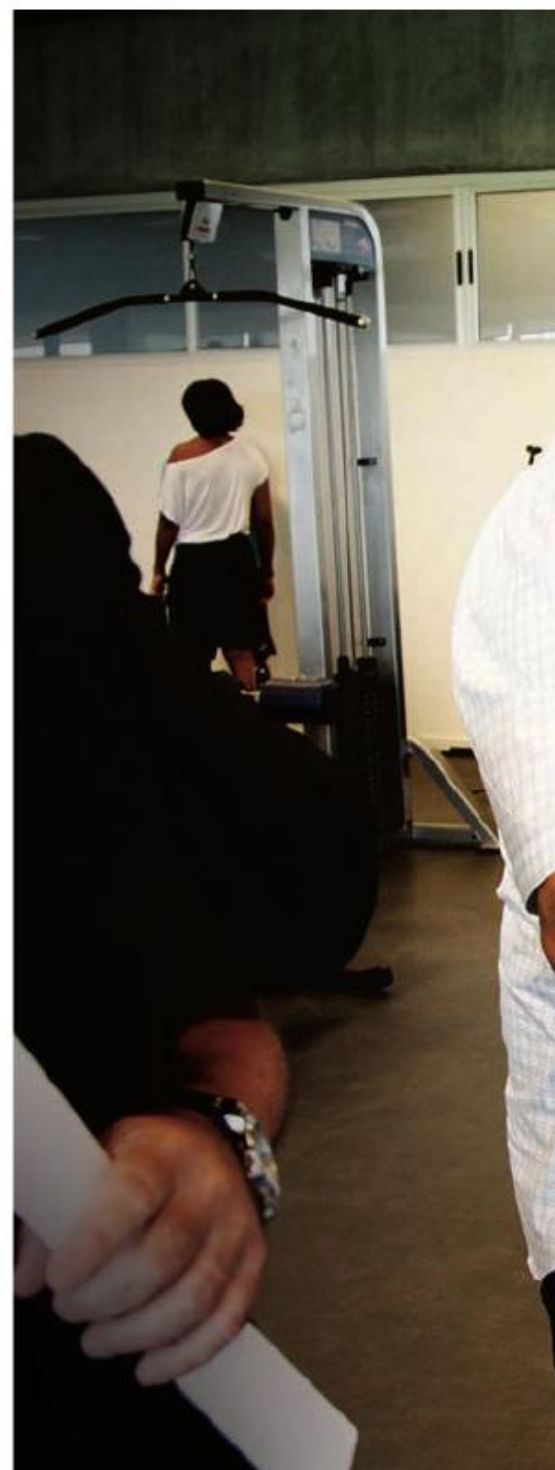
PERSONAGEM DO MÊS

O presidente mais macho do Brasil

O gremista **Romildo Bolzan Jr.** resolveu agir: desidratou pra valer o elenco do time e arriscou tudo em 2015 para sanear as finanças do clube

POR *Sérgio Xavier Filho*

Talvez não vejamos até o fim do ano cena tão inusitada. Faltavam 4 minutos para terminar o jogo do Grêmio contra o Veranópolis na Arena tricolor. Era a segunda derrota consecutiva em seu estádio para equipes modestas do interior gaúcho. Felipão simplesmente abandonou o banco de reservas e foi para o vestiário. Mais tarde, explicou o ato: "Eu me expulsei. Mais vergonha do que isso é impossível passar. A equipe não apresenta nada daquilo que fazemos no treinamento. Não adianta enganar a torcida. Não tinha mais o que fazer, vim embora para o vestiário. Acabou o assunto. Os adversários vêm aqui e tomam conta. Do que adiantava ficar ali gritando? Melhor que termine o jogo".

O desabafo tinha algo de teatral, claro. Felipão não dá ponto sem nó. Não podia ter sido mais duro com seu grupo de jogadores. Mas poupou a diretoria do clube. Não reclamou aí dos jogadores que perdeu nem dos reforços que não vieram. Do time titular do ano passado, saíram Pará, Zé Roberto, Riveros, Dudu e Barcos. Foram embora ainda Bressan, Werley, Alan

Romildo com Scolari (acima), o técnico cascudo que aguenta pressões como a saída de Barcos (à esq.)

Ruiz e até Marcelo Moreno, que seria o substituto de Barcos. A maior contratação gremista na temporada foi... Bem, é difícil dizer quem seria o maior destaque entre Marcelo Oliveira, Rafael Galhardo, Erazo ou Douglas.

Felipão, no fundo, sabe que sua missão é ingrata e está tentando tirar o máximo do grupo de que dispõe. O técnico é personagem de uma situação raríssima no futebol brasileiro. Uma diretoria assumiu um novo mandato com uma prioridade ainda mais rara. Antes das vitórias, antes das taças, os novos dirigentes querem arrumar as contas. E de verdade, sem demagogia, não apenas da boca para fora. Os números são realmente horrendos. São 276 milhões de reais de dívidas, um orçamento declinante de 223 milhões, pendências com a construtora do estádio, a má notícia de 15 milhões que sumiram pela não classificação para a Libertadores e uma folha de pagamento nas alturas. Barcos e Marcelo Moreno representavam mais de 1 milhão mensal em salários e encargos. Kleber Gladiador, rescaldo de delírios passados, custa 740 000 reais mensais para não jogar.

O homem que resolveu botar o dedo na ferida para estancar a sangria é, paradoxalmente, um político. Romildo Bolzan Jr. foi três vezes prefeito de uma cidade onde todo mundo passa e ninguém para. Osório é o caminho para a praia, o gaúcho não costuma dar muita atenção ao município. Na política do clube, Bolzan também nunca foi um nome de destaque. Foi eleito como o poste de Fábio Koff. Mas logo que assumiu resolveu fazer a diferença. Não do jeito convencional, anunciando contratações bombásticas, se endividando mais, indo para o tudo ou nada. Romildo optou pelo caminho mais difícil, o da administração austera que só colhe antipatias na imprensa e na torcida. Encolher não dá ibope. E a bola costuma punir, sobretudo na fase inicial de adaptação do time.

Mas Bolzan não poderia ter escolhido um momento mais indicado para medidas antipáticas. O primeiro semestre gremista está morto. Sem Libertadores, o clube disputa apenas o Gauchão e as primeiras fáceis partidas da Copa do Brasil. É evidente que o gremista quer títulos, mas também não é o título estadual que colocará o torcedor no nirvana. E com um time modesto e jovem é até possível levantar a taça, porque o rival Internacional se ocupa com Libertadores.

Se havia uma hora para montar e testar um time de garotos era agora. Se havia um treinador certo para conduzir esse processo, seu nome é Luiz Felipe Scolari. Cascudo, ele aguenta qualquer pressão, é o único avalista possível num processo como esse. Claro que há um risco, o Grêmio não pode dar vexame no Brasileirão que começa em 9 de maio. O ideal para um ano de arrumação de contas seria conseguir uma vaga para a Libertadores 2016. Ou ficando entre os quatro do Brasileiro, ou pela via da Copa do Brasil. Se isso acontecer, Bolzan deixará uma marca. O homem que abdicou da vaidade de ser o campeão da hora para arrumar o futuro do clube que ama. ☒

Milton Neves
AS HISTÓRIAS INCRÍVEIS, HILÁRIAS E 99,3% VERDADEIRAS DO NOSSO ESPORTE

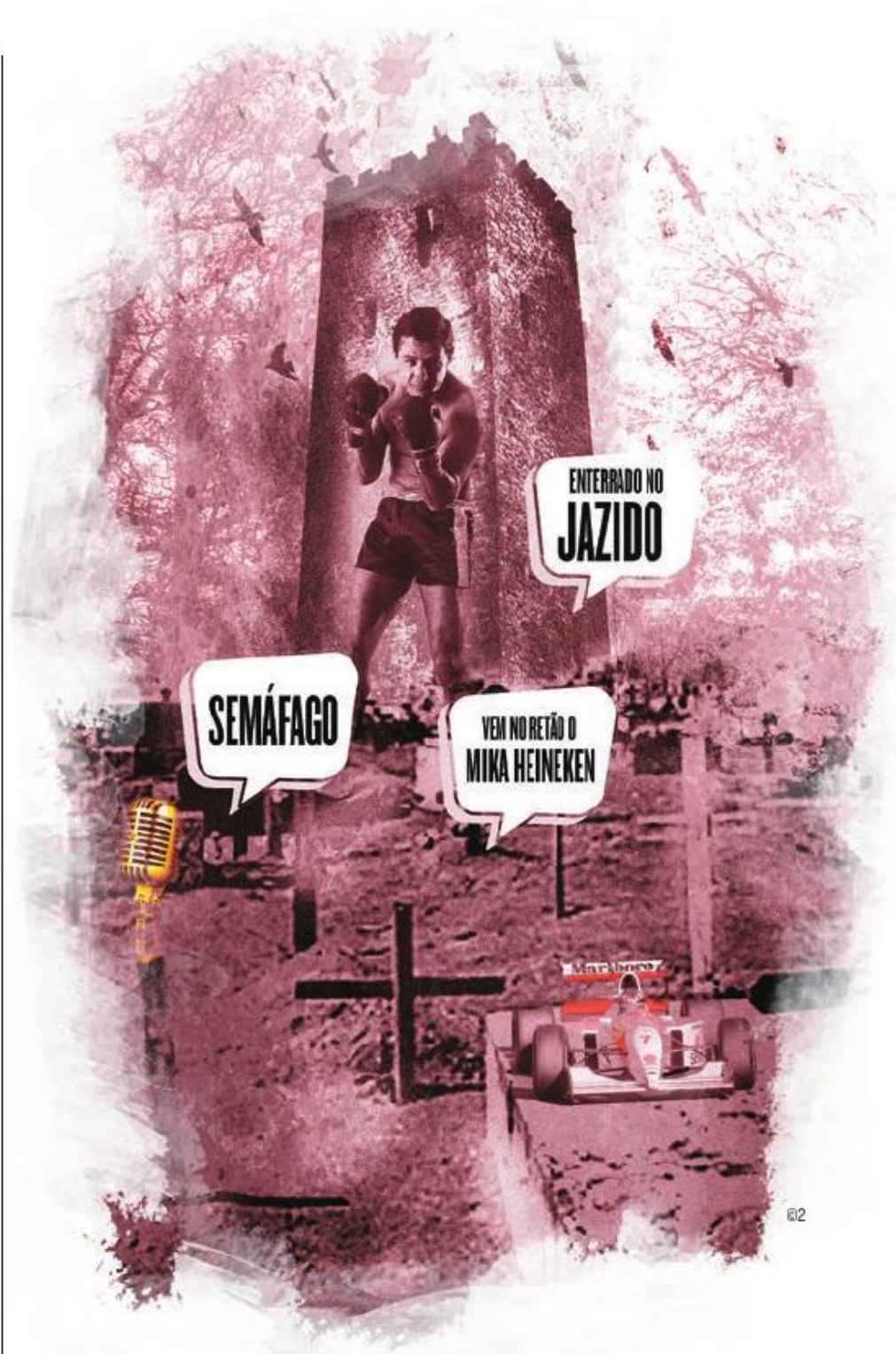
CAUSOS DO MILTÃO

Deu ruim

O jornalista Marcos Nunes de Barros era um pouco desligado. Nos meados dos anos 90, Marquito, setorista da Rádio Jovem Pan no Canindé, era o "Doutor Portuguesa" e foi escalado pelo chefe José Carlos Fantini Carboni para cobrir Lusa x Inter de Limeira em um sábado à noite, no inverno, com a recomendação de entrevistar um jogador para o "Plantão de Domingo", que eu apresentei por quase três décadas. Marquito deu um "migué". Na sexta à tarde, após o treino da Lusa, combinou com o goleiro Serginho Boneca três gravações com três opções de resultado: a Lusa ganhando, empatando ou perdendo. Após a pergunta fixa: "E aí, Serginho, como foi ontem?", começou a gravação com Serginho respondendo: "Foi um jogo duro, mas ganhamos "; "Foi uma pena o empate, mas o importante é que a gente se classificou". E arrematou: "A Lusa não merecia ter perdido, jogamos melhor, a sorte não estava do nosso lado". O traíra do operador Artur Figueroa, em vez de disponibilizar só a "opção certa", entregou as três para o chefe Carboni. Como prêmio, Marcos Nunes foi homenageado com três dias de gancho.

Serginho e as bonecas no tempo da Lusa

Firistoni quem?

O jornalista da rádio Bandeirantes Alexandre Praetzel, gaúcho de Anta Gorda, é hoje um profissional completo. Mas nem sempre foi assim. Em 1992, estreando na Rádio Gaúcha no clássico São José x Cruzeiro, um Grenal dos pobres de Porto Alegre, lá foi Xandão entrevistar o zagueiro do Cruzeiro gaúcho, o espadaúdo Stalingrado. Frente a frente com o becão, Praetzel não se lembrava do nome do zagueiro. Não teve dúvidas. Virou o becão, viu o nome nas costas e tascou: "E aí, 'Firistoni', como foi o jogo?". Stalingrado, puto da vida, olhou firme para Praetzel dizendo: "Meu nome é Stalingrado e não existe 'Firistoni', é Firestone, o patrocinador, e não tem entrevista, não".

Ops!

E na história do rádio tivemos outros momentos edificantes. Este aqui que vos fala também errou e errou muito no rádio ao vivo. Em 1972, chegando a São Paulo, como repórter de trânsito da Rádio Jovem Pan, eu chamava de "semáfago" os semáforos da cidade, o laboratório Pfizer para mim era "Pifizer", as docas de Santos ficavam às margens do Pacífico e, em 1974, cobrindo o enterro de Kid Jofre, pai de Éder Jofre, disse que o célebre treinador seria enterrado no "jazido" número tal do cemitério do Araçá. Já o narrador José Carlos Guedes também "brilhou" transmitindo de Interlagos o *warm up* do GP do Brasil de 1996. "Aqui Jovem Pan direto de Interlagos. Fórmula 1 sensacional em nome da cerveja Schincariol. E lá vem no retão o Mika... Heineken"!!! O saudoso Nersão, então dono da Schin, não gostou nada da "troca" de Hakkinen pela concorrente Heineken. Ao vivo, todos já erramos. E erraremos. E quem nunca errou? Se não errou, errará!

©1 LEVY MENDES JR ©2 GUARÁ

EDIÇÃO *Marcos Sergio Silva*

O país do futebol

Histórias que rolam por onde corre a bola

Carlos Alberto Torres faz embaixadinhas no Vivaldão: o Capita só jogou o primeiro tempo e foi expulso

A VIAGEM DO COSMOS

Inusitado amistoso entre o New York Cosmos de Beckenbauer e Carlos Alberto Torres e o modesto Fast Clube, de Manaus, ganhará as telonas ao completar 35 anos

POR *Ciro Câmara*

O CINEASTA MOACYR MASSULO até se empolgou com a Arena da Amazônia na Copa de 2014. Mas, a despeito da presença de estrelas como Rooney, Balotelli e Cristiano Ronaldo, o pensamento do jovem de 26 anos estava em galáticos que invadiram Manaus quando ele nem era nascido. Em 9 de março de 1980, o então estádio Vivaldo Lima recebia o mítico New York Cosmos — na época, já sem Pelé. Beckenbauer, Neeskens, Carlos Alberto Torres, Oscar, Romerito e Chinaglia enfrentaram o modesto Fast Clube. Um encontro histórico ameaçado pelo esquecimento 35 anos depois, mas salvo por Moacyr no curta *Cosmos*, com lançamento previsto para este ano.

"Quando descobri que craques internacionais vieram a Manaus, de cara tive a certeza de que essa história tinha que ser contada", diz Massulo. A narrativa será guiada por figuras que estavam no Vivaldão — como Carlos Alberto Torres e Clodoaldo, tricampeão mundial que reforçou o Fast.

O responsável pelo amistoso foi o empresário e torcedor do Fast Joaquim Alencar. Amigo do treinador Júlio Mazzei e de Pelé, ele virou representante do Cosmos no Brasil quando a dupla deixou o Santos. Alencar convenceu os promotores a prestigiarem o Fast em detrimento das potências Flamengo e Corinthians. O governo amazonense patrocinou o evento e atrelou a imagem dos craques a ícones como o Teatro Amazonas.

A selva impressionou os visitantes, mas o calor ajudou os brasileiros, melhores em campo sobretudo após a expulsão de Carlos Alberto por agressão ao bandeirinha, na etapa inicial. Mesmo assim o placar permaneceu inalterado.

Apesar do público oficial de 56890 pagantes, a lenda é a de que o Vivaldão recebeu cerca de 80000 pessoas na tarde de 9 de março de 1980. A marquise do estádio foi invadida por torcedores e, após corre-corre iniciado com boato de que a estrutura estava desabando, algumas pessoas tiveram escoriações e até fraturas. A marca recorde permaneceu como recorde até a demolição do estádio para a construção da Arena Amazônia.

O italiano Chinaglia, uma das estrelas do Cosmos; abaixo, o zagueiro Oscar e Clodoaldo, que reforçou o Fast

★ *Além do jogo com o Fast, o Cosmos ainda empatou com o Uberlândia por 1 x 1 e venceu o Santos por 2 x 1 na excursão ao Brasil.*

★ *O holandês Neeskens, vice-campeão mundial com a Holanda de Cruyff em 1974, viajou para o Brasil, mas não entrou em nenhuma partida.*

FICHA DO JOGO

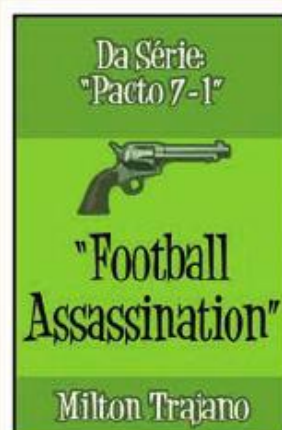
9/3/1980 – ESTÁDIO VIVALDO LIMA, EM MANAUS

FAST CLUBE 0 x 0 NY COSMOS

J: Odílio Mendonça da Silva (AM)
R: Cr$ 5744150; **P:** 56890 pagantes
E: Carlos Alberto Torres

FAST CLUBE: Miguel Banana; Carlos Alberto, Joãozinho, Marcão e Judelci; Clodoaldo, Zé Luís e Tauirís (Fabinho); Rogério, Bené (Iranduba) e Orange (Pesado). **T:** Juarez Bandeira

NY COSMOS: Birkenmeier; Eskandarian, Oscar, Carlos Alberto Torres e Bruce Wilson; Beckenbauer, Romerito e Rick Davis; Seninho, Chinaglia e Marck Liveric (Nelsi Moraes). **T:** Julio Mazzei

POR *Milton Trajano*

PANELA VELHA

O Santos recorreu novamente à geração que resgatou o clube no início dos anos 2000. Os antigos meninos (Renato, Robinho, Elano, Ricardo Oliveira e Léo) agora atacam de tiozões dos jovens, se adequam a uma nova realidade financeira e têm influência inclusive nos bastidores. Até Paulo Mayeda, um dos formadores daquela safra, retornou para gerenciar os novos talentos

POR *Klaus Richmond*

2015

RENATO

Aos 35 anos, o volante revelado no Guarani voltou com ganhos mais baixos. No ano passado, nem sequer foi titular. Aposta na confiança dos colegas de 2002 para voltar ao time principal — o que, com a saída de Arouca, desafeto do agora consultor Léo, tornou-se possível.

ELANO

Como Ricardo Oliveira, topou contrato de produtividade para voltar ao time que o dispensou em 2012. Foi também um pedido pessoal de Robinho, com quem jogou no Manchester City depois da época de ouro do início dos anos 2000. É uma espécie de padrinho de Lucas Otávio.

ROBINHO

Estrela do elenco, trabalhou para a chegada de Elano e aceitou reduzir o salário, depois de o Milan deixar de pagar parte de seus vencimentos. Acumula o maior saldo de direitos de imagens não recebidos. Divide quarto com Gabriel e apadrinha Lucas Crispim.

RICARDO OLIVEIRA

Outro que vem com contrato de produtividade de cinco meses. Disputa posição com o novato Gabriel. Teve a chegada bancada por Léo. Pastor, já realizou cultos internos para os jogadores. Geuvânio, o Caveirinha, é presença constante.

2003

LÉO

Assumiu cargo consultivo. Bateu de frente com Edu Dracena, Arouca e Aranha – todos deixaram o clube. Sob sua supervisão, o técnico Enderson Moreira anunciou o capitão rotativo. Dracena havia sido o líder desde 2011.

ÁGUIA VOLTA AO NINHO

A relação de João Galvão (acima) com o Águia de Marabá é umbilical. Desembarcou como ponta em 1999 e já foi diretor, gerente, presidente e treinador. É o técnico que mais tempo ficou à frente de um mesmo time no Brasil — de julho de 2008 a fevereiro de 2014. Deixou a equipe, mas não as funções administrativas, por causa da família e da saúde. O afastamento durou seis meses. O técnico voltou no fim de 2014 e salvou o Águia do rebaixamento na Terceirona. Desistiu de desistir. João Galvão mora na mesma rua da sede do Águia. O portão do clube fica em frente ao da sua casa. "Me dedico quase 24 horas. Meu grande sonho é ser campeão estadual e subir para a série B. Depois talvez consiga ir para outro lugar."

Bruno Formiga

RESSUSCITA-ME!

Promessas que ainda não vingaram no futebol se encontram no Campeonato Mato-grossense

POR *Dimitrius Pulvirenti*

Eterna promessa, Jean Chera (acima) acertou com o Cuiabá em 30 minutos. Ciro (ao lado), que jogou o Mundial sub-20 em 2009, teve o mesmo destino

QUAL O CAMPEONATO IDEAL PARA UM ATLETA PROMISSOR VOLTAR A JOGAR BEM?

A aposta de Jean Chera, Ciro e Alipio Brandão, três promessas que ainda não vingaram, é o Campeonato Mato-grossense.

"Luverdense e Cuiabá têm calendário e pagam em dia. Aqui não tem shopping, não tem praia, é só ir do treino pra casa", diz Maico Gaúcho, gerente de futebol do Luverdense, onde jogam Ciro e Alipio Brandão. O primeiro jogou o Mundial sub-20 em 2009, mas não se destacou ao sair do Sport, negociado com o Fluminense. Já Alipio jogou dois anos na base do Real Madrid, antes de rodar por Portugal e Chipre. "A estrutura aqui é muito melhor que de muitos times grandes e não tem pressão. Só a de você mesmo", diz Jean Chera, que acertou com o Cuiabá em 30 minutos.

Para o presidente do time da capital mato-grossense, Aron Dresch, os clubes do estado estimulam a recuperação de jogadores em maré baixa: "São times novos, o Cuiabá tem 14 anos. Eles podem recomeçar com quem está começando", disse.

Jean Chera negociou com os dois clubes, mas acertou com o Cuiabá para ficar próximo da família, também de Mato Grosso: "Ele teve muitas dificuldades na carreira pela distância com os parentes. Aqui está perto, é mais fácil", diz Dresch.

TONI NADAL: "Veomuy pocas opcionesde que Rafa juegue la Davis"

MARCA

EL NUEVO ÍDOLO

ALIPIO

EL MADRID FICHA AL 'HEREDERO' DE CRISTIANO

El Atleti se descuelga tras un pésimo

Alipio foi "vendido" na imprensa espanhola como o herdeiro de Cristiano Ronaldo e jogou no Real Madrid. Hoje está no Luverdense

MANTO DE PAPEL

O tamanho é de uma caixa de cigarros, mas elas reproduzem fielmente camisas históricas. As shirtpapers (camisas de papel) são fabricadas artesanalmente pelo carioca Christian Gama, custam 30 reais e são vendidas no site www.artesanatofutebolclube.com. Algumas são autografadas, mas ele não vende. "Já recebi uma oferta de 1200 reais numa do Gérson."

O novato Marcelo Sant'Ana: da redação para a presidência

DE PEDRA A VIDRAÇA

Marcelo Sant'Ana era apenas repórter de um jornal baiano. Em um mês, virou presidente do maior clube do estado, adotou o terno, parou de beber e deixou de atender números desconhecidos POR *Antonio Malves*

EM 17 DE NOVEMBRO, Marcelo Sant'Ana, então repórter especial do jornal *Correio*, se sentava com seu chefe para comunicar que sairia candidato nas eleições do maior clube de futebol do estado. Exatamente um mês depois, era aclamado presidente tricolor. Mais do que isso: deixava de ser pedra para se tornar vidraça. Foram 1444 votos que, no espaço de um mês, mudaram a rotina do jornalista de 33 anos no desafio de resgatar o Bahia de mais um rebaixamento para a segunda divisão.

O mandatário mais jovem entre os 40 times que disputarão as séries A e B do Brasileiro em 2015 carrega um mantra. "Você vê equipe desorganizada ser campeã, mas raramente uma bem organizada, que paga em dia, honra fornecedores, cair", afirma.

O Bahia ainda não se encaixa nessa categoria. Para reverter esse cenário, Sant'Ana conduz um quadro de cerca de 200 funcionários em meio a mudanças que chegam até ao seu visual. "Como sou novo, qualquer coisa que faça irão dizer que sou imaturo. Me rotularam até como almofadinha. Falaram que repórter não anda de gravata. Julgam a aparência. Sei que, com terno e blazer, o cara mais velho irá me respeitar. Não bebo mais álcool em público. Até aqui, foi apenas um copo, contado."

Desde a posse, o primeiro presidente remunerado do país conheceu ainda o outro lado da moeda. Sempre crítico em suas colunas no *Correio*, ele teve de lidar com a insatisfação dos torcedores. "No fim das contas, a verdade do futebol é o campo", diz.

Entre reuniões com o prefeito de Salvador, ACM Neto (DEM), e encontros com empresários, Marcelo Sant'Ana deparou com uma nova realidade: virou fonte de informação dos veículos locais. "Ainda estranho essa relação com a imprensa. Não posso mais falar o que acho para eles. Tinha um estilo mais agressivo e agora tenho que ser até um pouco mais político, na acepção ruim da palavra."

Detalhe: não atende número de telefones que não conhece. Para o desespero de ex-colegas.

> "QUALQUER COISA QUE FAÇA IRÃO DIZER QUE SOU IMATURO. ME ROTULARAM ATÉ COMO ALMOFADINHA."
> **Marcelo Sant'Ana,** 33 anos, presidente do Bahia

A VANGUARDA DE MINAS

Em três anos, Cruzeiro e Atlético saíram do limbo para o topo do futebol nacional. E, acima da rivalidade, pretendem consolidar seu protagonismo com gestão eficiente, craques formados na base, dois goleiros de seleção e mais títulos

POR Breiller Pires *FOTOS* Pedro Silveira

onverse com um mineiro. É provável que em menos de 5 minutos de prosa ele já tenha se gabado da vocação de Minas Gerais ao pioneirismo e à vanguarda. Se o assunto for futebol, então, o torcedor dessas bandas tem bons motivos para exaltar suas raízes. Cruzeiro e Atlético estão no topo. O escritor Otto Lara Resende definiria que "Minas está onde sempre esteve". Mas os maiores clubes do estado jamais haviam alcançado ao mesmo tempo um patamar tão esplendoroso como o dos últimos dois anos.

Em 2013, a inédita conquista da Libertadores pelo Atlético, que ainda ganharia a Recopa Sul-americana e a Copa do Brasil no ano seguinte, e o título brasileiro do Cruzeiro, que voltava a ganhar uma competição nacional depois de dez anos e celebraria o tetra em 2014, puseram os dois gigantes mineiros em evidência. Ao menos na bola, Minas passou a ser visto como "o Brasil que dá certo". O desafio agora é sustentar nos trilhos o trem da bonança, mesmo com receitas e orçamentos inferiores aos de clubes como São Paulo, Corinthians e Internacional, concorrentes na Libertadores 2015. E os trunfos para reforçar a soberania misturam traços da mineiridade ambiciosa ao velho espírito conciliador que tenta situar a razão acima da rivalidade.

TODOS COMEMORAM
Foi o Galo quem levantou a taça da Copa do Brasil no Mineirão, mas, mesmo com a derrota, o Cruzeiro também festejou: tetracampeão nacional

TEORIA DO ESPELHO

Há mais semelhanças do que diferenças no presente de Atlético e Cruzeiro. Apesar de terem perdido as peças mais importantes de seus processos de reconstrução — Ronaldinho, Bernard e Tardelli de um lado; Ricardo Goulart, Everton Ribeiro e Lucas Silva, do outro —, ambos vêm conseguindo manter um padrão de jogo. No comando, os treinadores têm crédito. Com quase três anos de casa, Cuca era o técnico mais longevo do Atlético desde a década de 80 até receber uma oferta milionária da China. A escolha por Paulo Autuori como substituto se mostrou equivocada, mas Levir Culpi não demorou a encobri-la, sobretudo ao abolir a concentração. Já Marcelo Oliveira dirige o Cruzeiro desde 2013 e tem contrato até o fim deste ano. Dois técnicos atualizados, apegados à organização e ao futebol ofensivo.

Os mineiros também contam com dois goleiros experientes e identificados com a torcida. Victor foi o herói da conquista da América, integrou a seleção brasileira na última Copa do Mundo e disputa seu terceiro torneio continental pelo Atlético. "Continuidade é tudo. Ter mantido o grupo de 2012 foi fundamental para o clube ganhar a Libertadores. A exposição do nosso trabalho aumentou. Hoje posso dizer que representei o Brasil em uma Copa. E devo isso ao Atlético", diz o camisa 1. Fábio, 34, é o capitão cruzeirense, já recebeu boas propostas para deixar a Toca da Raposa, mas acaba de completar dez anos como titular do time. "Poucas equipes no Brasil conseguem manter o mesmo goleiro por mais de uma temporada", diz. "Isso gera instabilidade no grupo, é uma posição de confiança. Permaneci porque o Cruzeiro nos dá condições de ganhar mais títulos."

Estrutura é outro ponto que aproxima os rivais. A Toca da Raposa e a Cidade do Galo estão entre os melhores centros de treinamento do país e receberam Chile e Argentina, respectivamente, durante o Mundial. Com suporte para a formação de talentos, eles colhem frutos na base. Dos elencos atuais, pelo menos oito jogadores de cada clube são pratas da casa. Há cautela, no

©1 EUGÊNIO SÁVIO, ©2 ALEXANDRE BATTIBUGLI, ©3 MOURÃO PANDA, ©4 PEDRO VILELA

entanto, para amadurecê-los e aproveitá-los paulatinamente no time principal. "O jogador se escala com seus números", explica Levir. "O Jemerson, por exemplo, é jovem e virou titular. Usar os garotos da base é ótimo para o clube, mas vai de acordo com o desempenho e a evolução individual."

Enquanto clubes de São Paulo chegam a gastar até 25 milhões de reais por ano com as categorias de base, Atlético e Cruzeiro, juntos, desembolsam menos de 15 milhões. Desde o fim de 2011, as diretorias adotaram uma política de enxugamento de custos e direcionamento das receitas para o futebol profissional. Apesar das dívidas que achatam o orçamento, realidade comum à maioria dos clubes brasileiros, os grandes de Minas passaram a conviver com uma rotina de salários em dia — e não de atrasados, como no passado —, ganhando prestígio no mercado. Em 2012, o Atlético resgatou o futebol de Ronaldinho Gaúcho. No ano seguinte, foi a vez de o Cruzeiro anunciar medalhões como Diego Souza e Júlio Baptista e vencer a disputa pelas contratações de Ricardo Goulart e Everton Ribeiro. "Com estrutura, salário em dia e organização, é muito difícil um jogador recusar o Cruzeiro", afirma o volante Tinga.

Embora tenha perdido os craques dos dois últimos títulos brasileiros no início da temporada, o clube celeste adota uma postura diferente da época em que era comandado pela família Perrella. A prioridade é a montagem e manutenção de times competitivos, para ganhar títulos e dar fôlego à meta de atingir 100 000 sócios-torcedores, em vez de fazer fortuna vendendo ídolos. Nas negociações de Everton Ribeiro, Ricardo Goulart e Lucas Silva, em todos os casos, o martelo só foi batido por desejo dos jogadores diante de propostas irrecusáveis do exterior. Tal qual Diego Tardelli, que trocou o Atlético pelo chinês Shandong Luneng. Pelo lado alvinegro, a meta é zelar pela ascensão continental. Antes de 2014, o clube nunca havia participado de duas Libertadores consecutivas. E agora encara sua terceira em três anos. O bom momento de Atlético e Cruzeiro respinga nas contas. A dupla já está entre os cinco clubes que mais faturam com dinheiro da televisão fechada e as maiores carteiras de assinantes de pay-per-view no Brasil. Mas levou tempo para entenderem que dividir holofotes é um negócio bem mais rentável do que se esbaldar nas penúrias do lado oposto.

DE INIMIGO A APENAS RIVAL

Rivalidades, principalmente as regionais, movem o futebol e os clubes. Para o bem e para o mal. Em Minas Gerais, o embate nem sempre foi dos mais edificantes. Nas últimas duas décadas, Atlético e Cruzeiro teimaram em discordar, especialmente nos períodos em que Alexandre Kalil e Zezé Perrella presidiram os clubes. Briga por reforços, porcentagem de ingressos, fatia de lucro no novo

"EU TENHO A FORÇA"
Embora não tenha vingado em Belo Horizonte, a contratação de Júlio Baptista mostrou o poderio do Cruzeiro no mercado e ajudou a alavancar o programa de sócios

©1

Na esteira dos grandes

América e clubes do interior também deslancharam

O último ano não foi fértil somente para Cruzeiro e Atlético em terras mineiras. O Tombense ganhou a série D e o Tupi chegou às quartas da Terceirona, enquanto Boa Esporte e América-MG ficaram a uma vitória da elite, sendo que o time da capital ainda lidou com a perda de 6 pontos no tapetão. Resultados que coincidem com a reestruturação da Federação Mineira. Em 2014, a entidade elegeu nova diretoria, que conseguiu desbloquear receitas na Justiça e abrir uma conta bancária. "Antes o carro-forte parava na porta do prédio. Dinheiro, aqui, só chegava em espécie", conta o diretor Paulo Bracks. Com o alívio financeiro, a Federação aboliu a cobrança da taxa de participação no Campeonato Mineiro, o que representa uma economia de cerca de 10 000 reais por jogo para cada equipe. "Temos uma visão empresarial de gestão, calendário enxuto no Estadual e as portas abertas para o diálogo com dirigentes. Isso reflete no desempenho dos clubes", diz Bracks.

©3

América (ao lado) estaria na elite não fosse a punição de pontos no STJD. Já o Tombense (abaixo) sagrou-se campeão da série D em 2014

©4

Cidade do Galo e Toca da Raposa: estrutura de ponta é comum aos dois rivais de Minas

Mineirão, que fez o alvinegro optar pelo Independência, e divergências no antigo Clube dos 13 expandiram as trincheiras para além do campo. "Eu quero que o futebol mineiro se f...! Quero o Cruzeiro na série D", disse o ex-mandatário atleticano à PLACAR, no fim de 2013. Um resumo do sentimento mútuo nutrido por várias gestões de lado a lado, mas que se acentuou em 2011, o ano em que o único consolo de ambas as partes era ver o tropeço do rival.

"A rivalidade faz com que seu estímulo para superar o oponente cresça", afirma o filósofo e educador Mario Sergio Cortella. "Mas, por outro lado, ela pode fazer com que você gaste forças com coisas de menor importância. Se a recíproca for verdadeira, vira um embate em que só há perdedores." Foi o que aconteceu com Atlético e Cruzeiro naquele ano. No Brasileiro, brigaram até o fim do campeonato contra o rebaixamento. Os atleticanos se livraram pouco antes de os cruzeirenses chegarem à última rodada precisando da vitória para escapar da degola, justamente contra o maior rival. A chance de rebaixar o time celeste pela primeira vez não impediu que o Atlético sucumbisse à goleada de 6 x 1 em um clássico que entrou para a história. Não na parte nobre dos confrontos que rendem troféus, mas como um divisor de águas. Os dois clubes terminaram 2011 abraçados no atoleiro da melancolia.

"Em cidades como Belo Horizonte, com rivalidade demarcada entre dois times, quando um deles perde força, o outro se tranquiliza por um tempo e depois decai. Ter um rival forte é fundamental para tirar os clubes da zona de conforto", diz Cortella. O goleiro Fábio, que viveu vários capítulos da concorrência estadual, conta que o duelo que sacramentou uma das mais frustrantes campanhas do futebol mineiro em todos os tempos foi o alicerce da reinvenção do Cruzeiro. "Aprendemos muito depois daquele jogo em 2011. Lutamos contra o pesadelo da série B e tiramos lições. O clube percebeu que só retomaria sua grandeza com um time equilibrado e muito planejamento", afirma.

A equipe celeste que começou a ser montada em 2012 foi pensada para os dois anos seguintes. Já o Atlético se apoiava em Ronaldinho e na manutenção da base, que renderam um vice-campeonato brasileiro e o retorno à Libertadores. Não necessariamente unidos, mas irmanados na missão de se equipararem às potências nacionais, os rivais cresceram paralelamente em um cenário de incertezas. Apesar de a economia mineira ter sido a única entre os maiores estados a aumentar sua participação no PIB brasileiro de 2002 a 2010, Minas Gerais caiu do terceiro para o sexto lugar no ranking de competitividade, segundo o Centro de Liderança Pública. Ainda assim, Atlético e Cruzeiro inverteram a lógica econômica local. Com faturamento menor, eles se tornaram mais competitivos e superam clubes de Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Em 2013, o Atlético gastou 100 milhões de reais a menos que o Corinthians e conquistou a Libertadores, enquanto o Cruzeiro investiu 157 milhões — ante 248 milhões do clube paulista — para ganhar o Brasileiro. A austeridade financeira se apoia em

Lucas Silva (acima) foi para o Real Madrid. Abaixo, o clássico da virada em 2011

©1 BRUNO CANTINI, ©2 DIVULGAÇÃO, ©3 EUGÊNIO SÁVIO, ©4 ALEXANDRE BATTIBUGLI

forças regionais. Eles dividem patrocinadores, empresas nascidas e consolidadas no estado, e recorrem a investidores locais, como o banco BMG e os Supermercados BH, na hora de contratar. E têm se lançado cada vez mais sobre o interior para incrementar o faturamento, já que Minas conta com o maior número de municípios do Brasil. Se antes regiões como a Zona da Mata, o Sul e o Triângulo abrigavam o predomínio de times cariocas e paulistas, hoje Cruzeiro e Atlético têm maior penetração em seu território. “Sempre fomos influentes em todo o estado, mas agora os torcedores do interior consomem mais a nossa marca”, diz Marcone Barbosa, diretor de marketing do Cruzeiro, que pretende criar este ano uma modalidade de sócio-torcedor exclusiva para quem não mora na capital.

Os mineiros ainda sinalizam com uma trégua fora dos gramados após o fim de mandato de Alexandre Kalil. Na decisão da Copa do Brasil, a primeira final de peso protagonizada pelos rivais, Kalil entrou em choque com o presidente do Cruzeiro, Gilvan de Pinho Tavares, por causa do mando de campo e da divisão de ingressos. O conflito resultou em um público total de 58 364 torcedores nos dois jogos, número inferior à capacidade do Mineirão.

Agora, com o novo presidente Daniel Nepomuceno, o Atlético já admite a possibilidade de se aliar ao rival para negociar com a concessionária Minas Arena, barganhar o valor do aluguel e mandar mais partidas no estádio. Advogados, o pai de Nepomuceno e Gilvan cultivaram estreito relacionamento nos tribunais. A amizade familiar indica um avanço na convivência entre os clubes. “Respeito o Gilvan e converso bastante com ele. Estou aqui para defender os interesses do Atlético, mas isso não impede uma relação cordial com o Cruzeiro”, diz Nepomuceno.

É difícil imaginar uma temporada tão imponente para os gigantes de Minas como a de 2014. Mas, por enquanto, os dois lados compartilham o entendimento de que a comunhão no auge é o segredo para conservar a hegemonia nacional. ☒

Revelado na base, Bernard rendeu a maior negociação da história do Galo

©4

Jeitinho mineiro

Gastando menos mas com eficiência, Cruzeiro e Atlético superaram as praças rivais

MÉDIA DE PONTOS NA SÉRIE A DO BRASILEIRO DESDE 2012*

MG 66,5 RS 61 SP 54,2

RJ 52,6 PR 51,5 BA 45,9

* NO CASO DOS PAULISTAS, SÃO CONSIDERADOS APENAS OS QUATRO GRANDES

TOTAL DE PONTOS NO BRASILEIRO DESDE 2012

  399

   366

   362

  331

MÉDIA DE GASTOS NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS (POR CLUBE)

  117 milhões

   165 milhões

   168 milhões

    210 milhões

TÍTULOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS DESDE 2012

MG 1 Libertadores, 1 Recopa e 1 Copa do Brasil (Atlético); 2 Brasileiros (Cruzeiro)

SP 1 Libertadores, 1 Mundial e 1 Recopa (Corinthians); 1 Sul-americana (São Paulo) e 1 Copa do Brasil (Palmeiras)

RJ 1 Brasileiro (Fluminense) e 1 Copa do Brasil (Flamengo)

RS nenhum

COLHEITA VERDE

Depois de dois anos de privação, o Palmeiras promete voltar a ser grande em 2015. Trouxe o mais badalado executivo de futebol do país, 19 jogadores e a perspectiva de caixa cheio com o programa de sócio-torcedor e o novo estádio

POR Carlos Eduardo Freitas

© MONTAGEM DE DORIVAL COELHO E MARCELO CALENDA SOBRE FOTO DE ALEXANDRE BATTIBUGLI

Nova era palmeirense: o recém-contratado diretor de futebol, Marcelo Mattos (ao lado), a arena de primeira e reforços como o sonhado Cleiton Xavier

O telefone de Paulo Nobre, presidente do Palmeiras, toca na manhã de sexta-feira, 9 de janeiro. Do outro lado da linha, o novo executivo de futebol do clube, Alexandre Mattos. "Presidente, precisamos conversar. Tenho uma bomba aqui. Se você aprovar, vamos passar a perna em São Paulo e Corinthians ao mesmo tempo e dar uma mensagem forte para o mercado de quem é o Palmeiras." Horas depois, os dois estão sentados na enorme mesa de reunião na sala de Nobre na Academia de Futebol, o centro de treinamento do Palmeiras na Barra Funda (zona oeste paulistana), para discutir a contratação de Dudu, atacante do Dínamo Kiev, da Ucrânia, que ocupou o noticiário com a novela pública de sua negociação com os dois maiores rivais do alviverde. Depois de anunciar que queria defender o Corinthians, o clube do Parque São Jorge desistiu do jogador. Tudo indicava que ele iria para o São Paulo.

A conversa dos dois não durou muito. Papel e caneta na mão, Mattos convenceu Nobre de que valia a pena investir 10 milhões de reais no atacante de 1,67 metro e que marcou apenas oito gols em 52 partidas (média de 0,15) pelo Grêmio em 2014. O novo executivo de futebol prometeu ao presidente que não só conseguiria domar o gênio do garoto de 23 anos como também valorizá-lo e recuperar o investimento com lucro para o clube numa futura negociação. Nobre bateu o martelo e Mattos saiu da Academia para se encontrar com o jogador, que acabara de chegar a São Paulo para acertar seu futuro, no escritório de seu empresário. O papo entre os três durou pouco. Em menos de uma hora, Mattos acertou sua contratação. Na manhã seguinte, um sábado, Nobre estava às 8 da manhã em seu escritório para redigir e assinar o contrato do jogador.

Zé Roberto: liderança no vestiário para superar o abatimento da torcida

A rapidez na negociação e o desfecho da história surtiram o efeito desejado. Nos dias seguintes, os principais jornais, portais e colunistas não falavam em outra coisa: como o Palmeiras havia conseguido superar a sina recente de tropeços em negociações importantes — sobretudo a perda de Allan Kardec e Wesley para o rival São Paulo.

Até a primeira semana de fevereiro, foram 19 jogadores contratados, entre eles o veterano Zé Roberto, Arouca e Cleiton Xavier (um desejo antigo de Paulo Nobre), além de assinar dois patrocínios para a camisa. O máster, no valor aproximado de 23 milhões de reais por ano, com a instituição financeira Crefisa — que também negociava com o São Paulo —, e nos ombros, por cerca de 5 milhões de reais anuais, com a rede de planos de saúde Prevent Senior. Outra vitória para um clube que havia dois anos — ou seja, desde que Nobre assumiu a presidência — não tinha patrocinador fixo.

Anos difíceis

Para um clube que passou 2013 na série B do Brasileirão e que no ano passado, o de seu centenário, se salvou do rebaixamento apenas na última rodada, 2015 começou com fortes emoções e bastante promissor. Sobretudo pelas dificuldades financeiras

©1 MARCOS RIBOLLI ©2 REPRODUÇÃO ©3 ALEXANDRE BATTIBUGLI ©4 EUGÊNIO SÁVIO

pelas quais passou o Palmeiras nesses dois últimos anos. Quando Nobre assumiu a presidência em seu primeiro mandato, Arnaldo Tirone, seu antecessor, entregou o cargo com as receitas dos anos seguintes comprometidas. Para rolar a dívida do clube, que estava na casa dos 300 milhões de reais, antecipou 75% das receitas de 2013 e 30% do que teria para entrar no ano passado.

"Peguei o clube arrebentado. Se fosse uma empresa, estaria falido", diz Nobre. "Tive que administrar dois anos do clube com menos do dinheiro de um." Para ajudar a estancar o sangramento financeiro, o presidente, um bem-sucedido empresário no mercado de ações, emprestou do próprio bolso 153 milhões de reais ao clube, a serem pagos entre 15 e 20 anos. "É um empréstimo de pai para filho. Criei um fundo que não tem ingerência nenhuma na administração. As regras para a devolução têm de respeitar a correção de 100% do CDI e não podem passar de 10% das receitas do clube", explica o dirigente.

De acordo com Wlademir Pescarmona, candidato derrotado da oposição na última eleição, o aporte foi bastante criticado. "Todo mundo acha que ele fez um grande negócio. Não há nada que vá contra o estatuto. O que achamos errado é que o dinheiro deveria ser captado, e não emprestado", afirma o conselheiro. Ainda assim, a operação foi aprovada pelo Conselho de Orientação e Fiscalização (COF) e o Palmeiras fechou 2014 com as contas em dia.

O "projeto Palmeiras"

Mesmo com a dívida do clube chegando à casa dos 400 milhões de reais e o time na briga para não voltar à série B em pleno ano do centenário, Paulo Nobre conseguiu se reeleger para mais dois anos de mandato. Recebeu 59,3% dos 4080 votos nas eleições de 29 de novembro. Como principal chamariz, usou a seu favor o crescimento do número de membros do Avanti Palestra, o programa de sócio-torcedor do clube — que passou de 36000 sócios em 2013 para 64000 em 2014 (até o fechamento desta edição, já eram 100000, o que significa uma re-

O Cruzeiro de Alexandre Mattos

O NOVO DIRETOR DE FUTEBOL CHEGA EM MOMENTO MUITO SEMELHANTE AO VIVIDO PELO CRUZEIRO EM 2013. A JULGAR PELA REPETIÇÃO NO PADRÃO DE CONTRATAÇÕES DE MATTOS, VALE RELEMBRAR COMO ESTAVA A RAPOSA QUANDO ELE CHEGOU E COMO ESTÁ AGORA

	PRÉ-MATTOS	PÓS-MATTOS
SITUAÇÃO	Clube acabara de se salvar de um rebaixamento com vitória sobre o Atlético na última rodada	Cruzeiro conquista o bicampeonato brasileiro em 2013 e 2014
DÍVIDA	R$ 120 milhões	R$ 200 milhões
COMPRA/VENDA	R. Goulart: R$ 5,7 milhões E. Ribeiro: R$ 4 milhões	R$ 23,5 milhões R$ 26,5 milhões

ceita de mais de 20 milhões de reais para o clube).

Uma semana depois da eleição, o clube se salvou do rebaixamento na última rodada do Brasileiro. No dia seguinte, deu partida ao que ele chama de "início da colheita". "Os dois primeiros anos foram de reconstrução e plantio. A reconstrução continua nos próximos dois, mas já começamos a colher."

O trabalho começou com as demissões do técnico Dorival Júnior e do diretor-executivo José Carlos Brunoro, bastante criticado interna e externamente por seus métodos de trabalho, considerados ultrapassados. Para seu lugar, Nobre fez a contratação que mais mexeu com o clube, a de Alexandre Mattos. Mineiro de Belo Horizonte, ele teve dois anos de sucesso como executivo de futebol do Cruzeiro. Chegou à Raposa num momento semelhante ao vivido atualmente pelo Palmeiras e montou o time que conquistou os dois últimos Campeonatos Brasileiros. "Vim para cá pelo projeto. O Palmeiras é um clube interessante, onde posso ter um crescimento pessoal e ajudar no do clube."

O acerto com Mattos foi feito em 2014, quando ainda tinha contrato com o Cruzeiro. "Conversei com o presidente Gilvan [Tavares, do Cruzeiro] e ele confirmou que o ciclo do Mattos em Minas tinha chegado ao fim. Recebi o sinal verde e marquei uma conversa", conta Paulo Nobre. Num jantar, a contratação foi selada pela metade do salário de Brunoro (que era de cerca de 200 000 reais mensais).

Mattos era assediado há tempos pelo Flamengo. Preferiu o Palmeiras pela situação do time alviverde. "O clube tem um estádio novo, uma torcida enorme e uma perspectiva de crescimento muito grande, além da garantia de que vamos pagar em dia. É isso que tenho vendido para atrair os jogadores." O mercado aprovou sua chegada. "A diferença dele para o Brunoro é gritante", conta um empresário de jogadores que tem relação próxima ao Palmeiras e pediu anonimato. "Ele resolve as coisas muito mais rapidamente, sem precisar ficar consultando um monte de gente. É pá, pum."

Desde sua apresentação, em 5 de janeiro, com sala de imprensa cheia, o noticiário foi invadido por anúncios de contratações do Palmeiras. Entre elas Zé Roberto, Cleiton Xavier (um desejo antigo de Paulo Nobre) e Dudu, a cereja do bolo. "Ele sabia que eu queria disputar a Libertadores, mas me convenceu ao dizer que sou jovem e que muito provavelmente o farei no ano que vem aqui", afirma o atacante. "Vim pelos profissionais envolvidos. Quando soube que o Alexandre viria, não pensei duas vezes", conta Zé Roberto, Bola de Prata em 2014 como lateral-esquerdo e o mais velho do grupo aos 40 anos. Dos 19 contratados, só Dudu (10 milhões de reais), Robinho (2,5 milhões de reais) e Leandro Pereira (5 milhões de reais) obrigaram o clube a abrir o cofre. Os outros 16 vieram a custo zero ou por empréstimo de um ano.

"Talvez impressione a quantidade, mas quem analisar friamente vai notar que há um critério. São todos jogadores jovens que atuaram bem por onde passaram na série A e têm potencial de evolução. Se quiserem ficar, têm de mostrar serviço", diz Mattos, que ganhou o apelido de 'Alexandre Mittos' nas redes sociais. Num meme recorrente, a frase "Vou te contratei" resumiu a mudança de espírito dos torcedores palmeirenses. Até mesmo a oposição se rendeu à nova fase e emitiu nota parabenizando o bom começo de ano. "Parece até que estão seguindo à risca a cartilha que elaboramos ano passado, que dizia que precisávamos de pelo menos dois ou três bons jogadores para não dependermos só do Valdívia", ironiza Pescarmona.

Os primeiros passos

Por mais que o início de ano tenha empolgado torcedores, dirigentes, comissão técnica e jogadores, o

OS 19 REFORÇOS

A TURMA DO OSWALDO
Atletas de confiança do técnico

ARANHA *goleiro, 34 anos*
LUCAS *lat.-direito, 26 anos*
GABRIEL *volante, 22 anos*
AROUCA *volante, 28 anos*
RAFAEL MARQUES *atacante, 31 anos*

INVESTIMENTO
O Palmeiras gastou em apenas três contratações

ROBINHO *meia, 27 anos*
DUDU *atacante, 23 anos*
LEANDRO *atacante, 23 anos*

OPORTUNIDADES
Jogadores em fim de contrato

ZÉ ROBERTO *lateral, 40 anos*
AMARAL *volante, 28 anos*
CLEITON XAVIER *meia, 31 anos*

EMPRÉSTIMOS
Jovens promissores em busca de espaço

VITOR HUGO *zagueiro, 23 anos*
VICTOR RAMOS *zagueiro, 25 anos*
JACKSON *zagueiro, 24 anos*
JOÃO PAULO *lat.-esq., 28 anos*
ANDREI GIROTTO *volante, 23 anos*
ALAN PATRICK *meia, 23 anos*
RYDER *meia, 21 anos*
KELVIN *atacante, 21 anos*

★

> "PRECISAMOS SER MAIS RACIONAIS. NÃO É PORQUE CONTRATAMOS BONS JOGADORES QUE VAMOS SAIR VENCENDO."
>
> **Fernando Prass,** goleiro do Palmeiras

“É uma dívida de pai para filho”

Paulo Nobre tenta explicar os 153 milhões de reais emprestados para o Palmeiras e diz que espera entregar o clube melhor do que recebeu

Paulo Nobre: “Passamos dois anos com o dinheiro de um”

O que mudou no Palmeiras de um mês para o outro que, de repente, todo mundo quer vir jogar aqui?
São diversos fatores. Passamos dois anos com o dinheiro de um, pois as rendas haviam sido antecipadas pela gestão anterior. Conseguimos superar isso. Em paralelo, o Avanti Palestra pulou de 32 000 para 64 000 sócios no fim de 2014 e deve bater os 100 000 em breve. Isso atraiu patrocinadores e nos deu a perspectiva de trabalhar com receitas que não tínhamos antes. Sem falar no Allianz Parque, que custa mais para que usemos, mas nos gera muito mais dinheiro do que antes.

Você emprestou 153 milhões de reais do próprio bolso para ajudar a renegociar a dívida do clube. Isso seria possível se o presidente não fosse você?
Não sei. Como não era outro, era eu, consegui dar essa solução. Se fôssemos ao mercado pegar esse dinheiro, a dívida ficaria impagável. Estamos falando numa economia de 350 milhões de reais.

Em quanto tempo você espera receber isso de volta?
É difícil responder. A devolução deve respeitar a correção de 100% do CDI e não pode passar de 10% das receitas do Palmeiras. No caso de um ano ruim, pagam-se os 10% e a dívida se alonga. Sempre falo em dez a 15 anos, mas pode ser em oito.

Existe algum risco de acontecer com o Palmeiras o que houve com o Santos e Marcelo Teixeira?
Absolutamente nenhum. Criei um fundo que não tem ingerência nenhuma na administração. Só tem direito a uma auditoria para garantir que as receitas não serão burladas. É como uma dívida de pai para filho. Os futuros presidentes têm liberdade para fazer o que acharem correto.

Quais seus objetivos para esses próximos dois anos de mandato?
Quero entregar o clube melhor do que eu recebi. E isso está acontecendo. Pretendo reconstruir o clube social, dar sequência às obras na Academia e incrementar o trabalho na base. Não faço questão de entrar para a história. Quero o Palmeiras forte perenemente. Se um dia for reconhecido, ótimo. Se não der, durmo tranquilo.

Dudu e Kelvin, duas das 19 apostas do Palmeiras para a temporada

Palmeiras precisa agora corresponder dentro de campo para continuar sua colheita. “Estamos otimistas, mas precisamos ser mais racionais do que emocionais. Cerca de 70% do time foi modificado e precisamos de tempo. Não é porque contratamos bons jogadores em quantidade que vamos sair vencendo”, diz o goleiro Fernando Prass, que no meio da onda de contratações pediu calma à euforia palmeirense. O técnico Oswaldo de Oliveira, outro recém-chegado, lamenta também a falta de tempo para conhecer os jogadores e adaptá-los a sua filosofia. “É difícil fazer isso com um elenco de mais de 40 atletas. Gosto de trabalhar com 35, mas aos poucos chegamos lá. É certo que vamos oscilar até atingir o equilíbrio.”

Tanto o goleiro como o treinador sabiam do que estavam falando. Depois da vitória por 3 x 1 sobre o Audax na estreia, perderam para Ponte Preta e, pior, Corinthians em pleno Allianz Parque. Uma ducha de água fria na euforia palmeirense. Nada, entretanto, que preocupe Alexandre Mattos. Ele conta que, na mudança para São Paulo, encontrou Ricardo Goulart num voo. “Perguntei para ele: o que eu te disse antes de ir para o Cruzeiro? Que seria titular, chegaria à seleção e que ia ganhar dinheiro sendo vendido. Tudo foi cumprido. No Palmeiras, ainda temos bastante trabalho para fazer e dar tranquilidade para esse elenco forte se tornar um time competitivo. Isso vai acontecer, o torcedor pode confiar. O fim dessa história vai ser muito bonito.”

©1 GAZETA PRESS ©2 ALEXANDRE BATTIBUGLI

VERMELHO DE FOME

RÉVER CHEGOU AO INTER VÍTIMA DE BULLYING PELA FALTA DE TÍTULOS NA ÉPOCA EM QUE JOGAVA NO RIVAL GRÊMIO. MAS AVISA: A PROVOCAÇÃO VAI SE TRANSFORMAR EM TAÇAS

POR Frederico Langeloh *FOTO* Edison Vara

O rolê de Réver: pelo rival, em um Grenal, no Paulista e em campo pelo Colorado

RÉVER

sempre esteve nos planos do Inter. Ainda nos tempos de Paulista, o zagueiro de 1,92 metro já povoava os sonhos vermelhos. Deixou Jundiaí e rodou por Al-Wahda, Grêmio, Wolfsburg, até se consagrar como o Capitão América do Atlético-MG. Foi preciso uma espera de sete anos pelo herdeiro da camisa 3, de ícones colorados como Elias Figueroa e Índio. Logo em seus primeiros dias de Inter, Réver foi ovacionado pela torcida. Em meio à pré-temporada, na cidade de Bento Gonçalves, e em suas primeiras aparições no Beira-Rio, o novo xerife foi sempre um dos mais procurados para autógrafos e selfies. Mas também foi alvo de bullying.

Assim que retornou ao Rio Grande do Sul, o zagueiro declarou: "Tive felicidades no Grêmio. Mas espero que a minha história no Inter seja diferente, já que no Grêmio não conquistei nada". A frase soou como o hino rio-grandense aos ouvidos colorados. A torcida amou Réver desde o primeiro minuto, mas isso não impediu que ele sofresse no começo. Os torcedores do Inter tiveram uma maneira um tanto singular de dar as boas-vindas ao reforço. "Réver, aqui tu vais ser campeão. Não te preocupa",

SIGA OS LÍDERES!

OS HOMENS QUE DEVEM CARREGAR O COLORADO NA TEMPORADA 2015

RÉVER
Diego Aguirre preferia Lugano. Mas o zagueiro liderou a Libertadores atleticana de 2013.

ANDERSON
A experiência no exterior conta. O começo, no entanto, deixou a desejar — como a falta de fôlego na Bolívia.

D'ALESSANDRO
A alma do time desde 2008. Com ele em campo, o Inter levou a Libertadores de 2010.

DIEGO AGUIRRE
Como jogador, levou o Inter às semifinais da Libertadores de 1989. Tenta espantar a desconfiança com técnicos gringos.

©1 DIEGO VARA ©2 ROGÉRIO PALLATTA ©3 INTER/OFICIAL ©4 GETTY IMAGES ©5 EDISON VARA

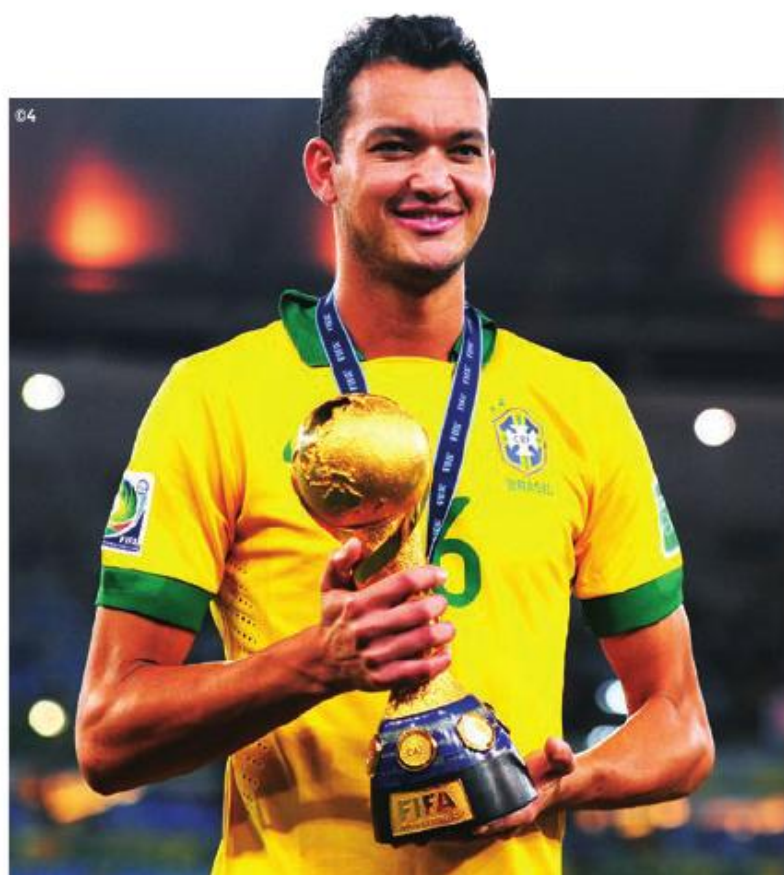
diziam às dezenas os colorados. O novo camisa 3 do Beira-Rio sorria e partia para o selfie.

"Foi algo que disse sem querer ofender ninguém. Tenho respeito a todas as equipes, principalmente ao Grêmio, que me ajudou no começo da carreira. Não falei aquilo por maldade, só disse que queria ter conquistado títulos e espero que no Inter isso possa ser diferente, já que no outro lado, no maior rival, as coisas não aconteceram assim", diz.

Se explicando ou não, para os colorados pouco importou. A chegada do zagueiro acabou tendo o seu momento apoteótico porque colocou lenha nas fogueiras das conversas de bar. Ao buscar Réver no Atlético-MG, a direção do Inter procurava por um líder com... taças. "Réver preenchia todos os requisitos de que necessitávamos para o nosso grupo: líder, excelente na bola aérea, aguerrido e acostumado aos grandes jogos", diz o diretor de futebol Carlos Pellegrini. "Ele é daqueles atletas que chegam, vestem a camisa de titular e saem jogando. Réver tem uma grande bagagem no futebol. Só não jogou a Copa do Mundo porque se lesionou."

O passado gremista tampouco condena. Pelo contrário. Depois de Réver, o Inter repatriou o meia Anderson, do Manchester United, um dos últimos grandes talentos da base do Grêmio e herói da mítica Batalha dos Aflitos, em 2005, no jogo que valeu ao tricolor o retorno à série A e o título da série B. "Réver e Anderson estão acima disto, acima da rivalidade. São jogadores de nível internacional, atletas de seleção brasileira. Pouco importa os clubes pelos quais tenham passado", diz Pellegrini, afastando qualquer tipo de ranço da torcida com a dupla.

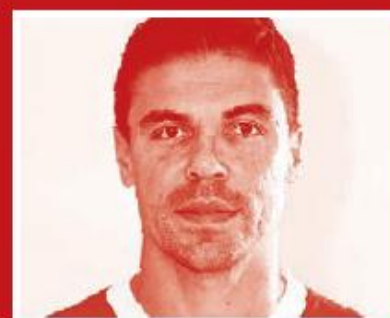
Mas uma lesão crônica no tornozelo esquerdo, que acabou resultando em cirurgia e na perda de boa parte da temporada 2014, também o deixou

Campeão da Copa das Confederações: lesão tirou o zagueiro da Copa

OS VIRA-CASACAS

EM 116 ANOS DE RIVALIDADE, 39 EX-GREMISTAS VESTIRAM O MANTO COLORADO E 44 FIZERAM A CONEXÃO INVERSA. NEM TODOS DERAM CERTO, MAS RÉVER TEM BOAS HISTÓRIAS A SE ESPELHAR

CONEXÃO GRÊMIO-INTER

TINGA
Outra revelação gremista. Venceu duas Copas do Brasil pelo tricolor. No Beira-Rio, foi além: duas Libertadores, em 2006 e 2010.

FABIO CASTILHO
Atacante uruguaio, o pioneiro do troca-troca na dupla Grenal; transferiu-se na temporada de 1935 e defendeu o clube até 1942, conquistando oito títulos pelo Inter.

BOLÍVAR
Só jogou na base do Grêmio. Fez 334 jogos como zagueiro do Colorado.

CHICO SPINA
Formado nas categorias de base do Grêmio, fez os dois gols na vitória por 2 x 1 sobre o Vasco, no Maracanã, na primeira partida da final do Brasileiro de 1979.

ANDERSON
É quase uma provocação. O atacante/volante é símbolo do último grande feito gremista: a Batalha dos Aflitos, em 2005. Chegou neste ano.

CONEXÃO INTER-GRÊMIO

TESOURINHA

Um dos maiores jogadores da história do Colorado, foi contratado em 1952 pelo tricolor e tornou-se o primeiro atleta negro a atuar pelo clube.

MANGA

A contratação do goleiro quebrou um acordo de cavalheiros entre os dois clubes, de que um não contrataria um jogador que tivesse defendido o outro time.

BATISTA

Quando jogava pelo Inter, ganhou quase tudo. No Grêmio, disputou a final do Brasileiro de 1982, contra o Flamengo. E perdeu.

MÁRIO SÉRGIO

Um dos craques da conquista do tricampeonato brasileiro pelo Inter, em 1979. Foi campeão mundial pelo Grêmio, em 1983, e no ano seguinte voltou ao Beira-Rio.

MAURO GALVÃO

Ainda garoto, fez parte do elenco tricampeão brasileiro em 1979. Dezessete anos depois, seria novamente campeão nacional – agora com o tricolor.

GIULIANO

O último ex-colorado que rumou para a Azenha. Se no rival venceu a Libertadores de 2010, com bom desempenho, ainda não se acertou no tricolor.

fora da Copa do Mundo do Brasil. Era nome certo na lista de Luiz Felipe Scolari. Acabou cortado. Perdeu a Copa, não ficou marcado pelos 7 x 1 da Alemanha, mas acabou cedendo espaço na Cidade do Galo ao promissor Jemerson. Por linhas tortas, pavimentou o caminho para o Beira-Rio.

"Voltar a Porto Alegre é uma experiência muito boa, gratificante mesmo. É um momento diferente, estou mais maduro, rodado. Tive um namoro antigo com o Inter. Tudo que quero agora é retribuir esse carinho com títulos", diz o 3 do Beira-Rio.

Réver sabe que desagradará a seus antigos fãs gremistas. Ainda mais vivenciando a capital gaúcha rachada entre dois clubes. "O futebol é assim, ainda mais em Porto Alegre, com duas marcas muito fortes. Mas a torcida colorada me recebeu superbem. Agora quero retribuir."

Com Anderson, Nilton, Léo, Vitinho e Nilmar (este último ainda no ano passado), Réver foi contratado pelo currículo. A Libertadores que se avizinha para o Inter pede um vestiário encorpado por grifes, títulos e histórias de vida. "O Inter entra como um dos favoritos para conquistar a Libertadores, mas enfrentaremos um torneio com muitas armadilhas. Uma competição que será mais difícil do que a de 2013 (quando foi campeão com o Atlético-MG), pois está recheada de potências de todos os países", afirma o zagueiro.

Se a edição 2015 da Copa Libertadores será distinta da de dois anos atrás, Réver avalia que a formação dos grupos de Atlético-MG, em 2013, e do atual Inter também é diferente. "Aquele Atlético-MG foi formado por jogadores que estavam sob grande desconfiança. Poucos achavam que tería-

©1 LEMYR MARTINS ©2 ALEXANDRE BATTIBUGLI

SAÍ DO GRÊMIO E FUI CAMPEÃO

O último grande título do Grêmio foi conquistado em 2001. Tite ainda era um técnico recém-saído do interior gaúcho. Zinho, Danrlei, Mauro Galvão, Roger e Fábio Baiano ainda jogavam futebol. E Tinga não usava cabelo rastafári. De lá para cá, os títulos minguaram: a série B de 2005 (na épica Batalha dos Aflitos) e três Estaduais, o último deles em 2010. Pouco para quem mandou no Brasil em meados dos anos 90. Essa seca proporcionou injustiças históricas com muitos jogadores — e o bullying dos adversários. Alguns exemplos: o goleiro Victor deixou o Olímpico com fama de perdedor e de falhar em Grenais contra D'Alessandro. Saiu e foi campeão da América com o Atlético-MG. Algo parecido ocorreu com Réver, capitão da Libertadores na Cidade do Galo. Os exemplos se sucedem. Marcelo Moreno, Eduardo Costa, André Santos e até o dirigente Paulo Pelaipe foram campeões pelo Flamengo – Moreno, pelo Cruzeiro também. A lista, com certo grau de exagero, pois conta também com alguns atletas que venceram ao menos um Gauchão pelo Tricolor, segue com Gilberto Silva, Rafael Marques, Alessandro, Fábio Santos, Douglas, Mário Fernandes, Borges, Gabriel, Edilson, Douglas Grolli, Fernando, Souza, Dida, Leandro, Paulão, Pará e Bressan. Os dois últimos ganharam o Torneio SuperSeries, uma taça sem grande importância. Mas que ajudou a encorpar o bullying.

No Galo: foi sair do Grêmio que o título chegou

mos sucesso, pois havia atletas que eram dados como velhos ou que não queriam mais nada com nada. Provamos o contrário. Agora esse Inter manteve a base do ano passado, se reforçou bem e construiu um grupo forte com jogadores vencedores, o que aumenta a esperança de títulos", aposta.

Elogiado pelo técnico uruguaio Diego Aguirre, o zagueiro será uma das vozes de comando do time em campo. Logo que chegou ao Beira-Rio, Aguirre pediu a contratação de Diego Lugano. Queria o xerife da Celeste para avalizar também o seu vestiário no Brasil. A direção não se interessou por Lugano, afinal, Réver estava a caminho. D'Alessandro e Anderson completarão o trio dos "representantes de classe" no gramado. Já foi detectado que o Inter é um time calado em meio aos jogos. Esses três terão por função também incentivar os demais. "Réver é um jogador experiente, com uma excelente bagagem no futebol", afirma o treinador.

"No ano passado, tive uma lesão que me tirou de quase toda a temporada. Aprendi na dor. Vi como é o futebol fora de campo. Coisas que você só tem condições de ver quando está mal. Quero apagar 2014 da minha vida. Quero que este novo ano seja tão bom como foi o de 2013. Quero provar que ainda sou o mesmo campeão de 2013. Quero ganhar tudo que eu puder com o Inter e voltar à seleção", anuncia Rever, que pretende transformar o bullying em taças no lado vermelho.

COLORADO ESPERANÇA

A TEMPORADA DO INTER PASSA PELO BOM MOMENTO DELES

NILTON
Bi brasileiro com o Cruzeiro, chegou ao Inter por um quarto do preço que a Inter de Milão havia oferecido.

VITINHO
Escondeu-se no CSKA Moscou após boa temporada no Botafogo em 2013. Opção de atacante veloz do elenco.

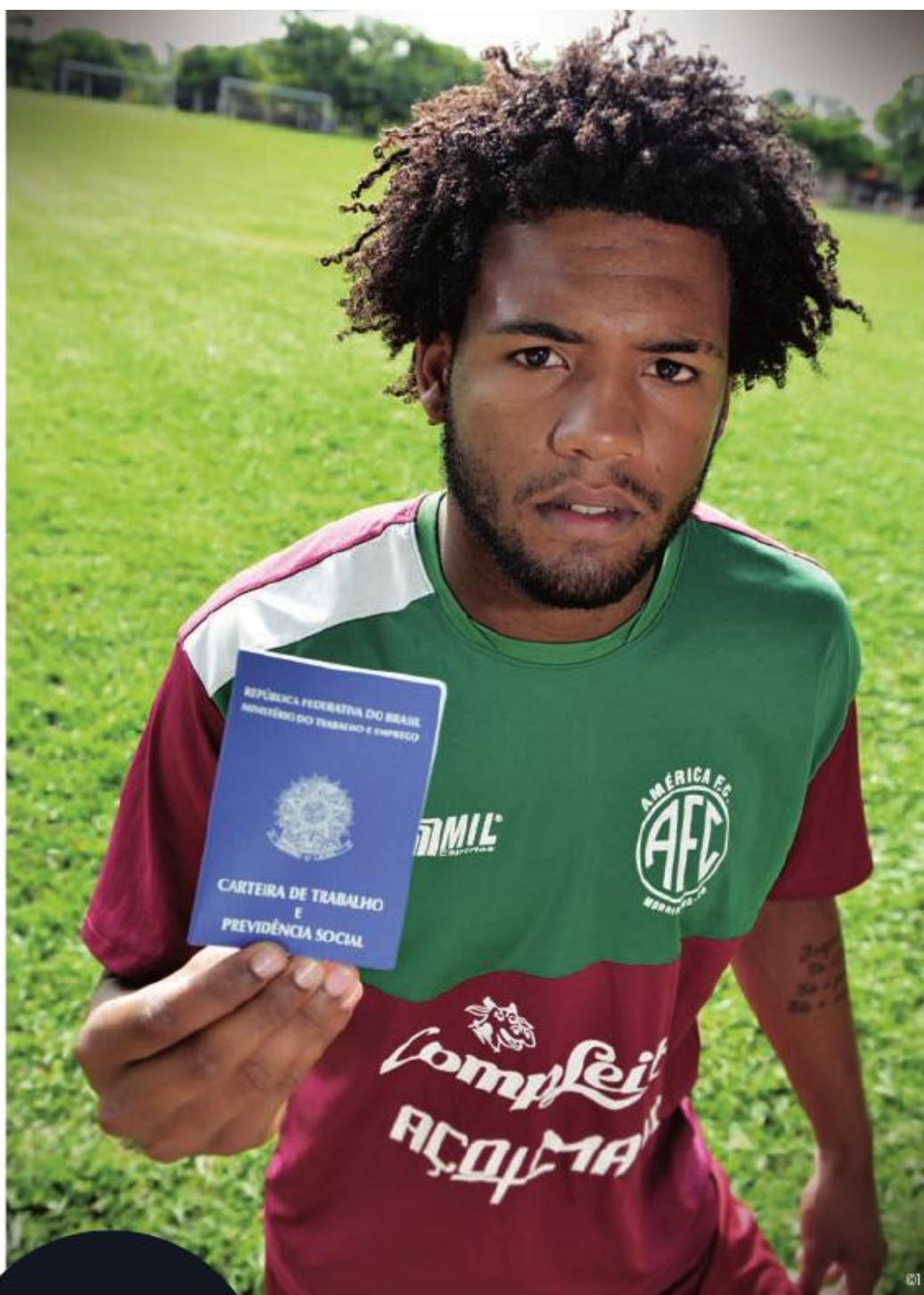
LÉO
Atuou pouco pelo Flamengo em 2014, mas chegou como opção para a lateral direita colorada.

NILMAR
Ídolo colorado, mas jamais conquistou uma Libertadores. Tenta se afirmar depois de um fraco 2014.

ESCRAVOS DA BOLA

POR Breiller Pires

FOTO Renato Pizzutto

Esqueça o universo paralelo de Neymares e Ronaldinhos. A maioria dos jogadores brasileiros ganha mal — quando recebe —, enfrenta condições precárias de trabalho e é refém de uma atividade que explora a troco de ilusões

O zagueiro baiano nunca teve carteira assinada e tenta a sorte no América-GO

A os 43 do segundo tempo, o baiano Kemerson, 21, realiza um sonho no agreste sergipano. Ele substitui o meia Fernando, dá três toques na bola e não evita a derrota do seu time para o Santa Cruz. Mas aqueles 5 minutos bastam para enchê-lo de orgulho. O zagueiro pode dizer aos parentes de Feira de Santana que já disputou a segunda competição mais importante do país, a Copa do Brasil. O entusiasmo, entretanto, logo se transforma em frustração. Sem dinheiro e sem comida, não havia mais como permanecer no casebre que abrigava quatro jogadores por cômodo. Dois meses depois de sua façanha pessoal, Kemerson deixou o Lagarto.

Nem o motim liderado pelos colegas que se recusavam a treinar enquanto não recebessem os dois meses de salários atrasados evitou o desfecho de sua aventura em Sergipe. Hoje ele desbrava o interior de Goiás e se prepara para a segunda divisão do campeonato estadual com o América de Morrinhos. Ainda não recebeu os cerca de 2 000 reais que o Lagarto lhe deve. "Quando me ligaram, prometeram mundos e fundos. No fim, quase passei fome", conta o defensor. A história de Kemerson se cruza com a de grande parte dos mais de 20 000 jogadores profissionais do Brasil. Eles raramente aparecem na TV, não trabalham com carteira assinada nem ostentam contas bancárias de sete dígitos. São os operários explorados pelo futebol.

> **"EU ESCONDI O QUE PASSEI DA MINHA FAMÍLIA."**
> **Kemerson** se sentiu humilhado no Lagarto

FOME, FADIGA E AGONIA

Propriá está a 160 quilômetros de Lagarto. É lá que fica a sede de outro América, bicampeão sergipano. Em 2013, um ano antes do martírio de Kemerson, o atacante Murilo, 22, desmaiou de fome assim que o time saiu de campo derrotado pelo Confiança. Na noite da partida, o clube, que devia um mês de salário ao elenco, não teve verba sequer para bancar o jantar da delegação. Profissionais de imprensa que cobriam o jogo ofereceram biscoitos recheados aos jogadores do América. "A alimentação não era adequada. Corri muito em campo e chegou uma hora em que eu não sentia mais o corpo", diz Murilo, que atualmente trabalha carregando sacos em Ourinhos, interior de São Paulo, enquanto aguarda uma nova oportunidade. Ele saiu do América após travar o pé no torrão de areia do gramado esburacado em um treino e ouvir o estalo da perna esquerda quebrando.

Jogadores de outros estados chegaram ao América por um salário mínimo, mas, com a queda para a segunda divisão, receberam apenas parte do combinado. Thiago Bento, 24, ex-companheiro de Murilo, desabou de Arapiraca, Alagoas, com a esperança de deslanchar. Acabou sofrendo a segunda desilusão da carreira. Em 2011, havia arcado com a passagem para percorrer mais de 2 300 quilômetros rumo ao Cotia, da quarta divisão paulista. Dois meses venceram, nenhum centavo pingou em sua conta, e ele decidiu ir embora levando na bagagem um cheque (sem fundos) de 1 600 reais. "Jogador sofre demais", afirma. Desempregado no futebol, o zagueiro faz bicos como servente de pedreiro.

O “PÉ DE OBRA” NACIONAL

684 é o número de clubes profissionais inscritos na CBF

100 disputam competições nacionais e se mantêm ativos por mais de seis meses

584 deles ficam inativos por mais de um semestre a cada ano

917 inquéritos e ações judiciais envolvendo jogadores e clubes de futebol foram registrados pelo Ministério Público do Trabalho desde 2002

4,5 anos é o tempo médio que um jogador leva para receber de um clube na Justiça

FONTES: BOM SENSO F.C., CBF E MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO

OSSOS DO OFÍCIO

EXISTEM ALGUNS PONTOS QUE DIFEREM O BOLEIRO PROFISSIONAL DO TRABALHADOR COMUM

JORNADA DE TRABALHO

Enquanto a maioria dos trabalhadores formais tem carga horária fixa por semana, a jornada do atleta de futebol é flexível. A duração dos treinos varia de acordo com o técnico e, como os jogos acontecem à noite ou em fins de semana, não há pagamento de horas extras.

TEMPO DE CONTRATO

O vínculo de jogadores com os clubes tem duração pré-estabelecida. Eles raramente recebem seguro-desemprego, a não ser que a equipe rompa o acordo antes do término. Nesses casos, podem perder o benefício se o empregador não tiver recolhido INSS.

EQUIPARAÇÃO SALARIAL

A remuneração não é definida conforme a função. O atacante de clube pequeno recebe menos que o de clube grande, assim como no mesmo elenco podem conviver um zagueiro que ganha 100 000 reais e outro, 1 000.

FÉRIAS E DESCANSO

Jogador não tem direito a vender parte das férias nem de fracioná-las. Previstas em contrato, elas devem coincidir com o período de encerramento da temporada. A folga remunerada semanal dificilmente é concedida no fim de semana, por causa dos jogos.

Na concentração do Caiçara, de Campo Maior, atletas dormiam em redes e colchonetes

Maycon Gaudencio, 24, jogou no América de Propriá em 2012, quando o time subiu para a primeira divisão. Abandonou o emprego em um mercado da cidade para assinar seu primeiro contrato. Em vez de ganhar um salário mínimo por mês, embolsou apenas 300 reais ao fim do campeonato. “Passo dificuldade, não tenho casa, minha mulher está grávida. Esse dinheiro me faz falta”, diz o lateral. Situação que o experiente goleiro Carlos Henrique, 34, aprendeu a administrar ao longo da carreira. Ele jogou em praticamente todos os times profissionais do Piauí, até mesmo nos tradicionais River e Flamengo. Levou calotes na maioria deles. “É perda de tempo cobrar na Justiça. Os clubes não têm como pagar.”

Com duas décadas de rodagem, Carlos Henrique achou que já tinha visto de tudo até jogar o Piauiense de 2014 pelo Caiçara. “Nunca recebi um tostão lá.” No alojamento, cama era artigo de luxo. Jogadores dormiam em redes ou colchonetes esparramados pelo chão. Tomar banho, só de cuia. Não havia chuveiros nem material de treino apropriado. “Um negócio desumano”, afirma Vasconcelo Pinheiro, presidente do Sindicato dos Atletas do Piauí, que apresentou denúncia à Procuradoria Regional do Trabalho. Os atletas, porém, se recusaram a assinar o requerimento, e a investigação não foi adiante. “Eles têm medo de retaliações e de ficarem queimados no meio.” Apesar de ter terminado em último lugar, o clube segue na primeira divisão piauiense este ano.

Em times como Lagarto, América e Caiçara, dirigentes costumam intimidar atletas para abafar atrasos de salários. Alguns jogadores relatam já ter ouvido ameaças como "Vou acabar com sua carreira" e "Não joga mais em lugar nenhum" ao reivindicarem seus direitos. A coação é tão banalizada quanto as fraudes trabalhistas. No início do ano, o Sindicato do Piauí enviou um ofício à Superintendência do Trabalho e Emprego propondo fiscalizações em oito clubes do estado, incluindo os seis da divisão principal. Além de dívidas e condições laborais degradantes, nenhum deles faz anotação em carteira. Geralmente com baixa escolaridade, poucas alternativas no mercado e movidos pelo sonho de ascender ao restritíssimo escalão que amealha cifras milionárias com as chuteiras, jogadores são reféns de uma profissão que reprime e explora.

"Minha vida sempre foi na estrada, viajando atrás da bola. Não tive tempo de estudar", diz Kemerson, que largou a escola assim que concluiu a 8ª série. "Apesar das dificuldades, não vou desistir do futebol." O estigma por não vingar na carreira também contorna o cenário de indigência do ofício. O advogado João Henrique Chiminazzo, especialista em direito esportivo, explica o círculo vicioso que pode recair sobre jogadores presos a clubes mal-estruturados e devedores. "O atleta que sai de um time sem receber acaba aceitando contratos ainda mais absurdos para tentar sobreviver. E nada garante que eles serão cumpridos." De acordo com Alex Garbellini, procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT), o número de violações trabalhistas em clubes de futebol tem aumentado. Casos extremos tornam latente o sucateamento da profissão. "Jogadores sem salário, sem comer direito, à beira do amadorismo, são o exemplo clássico da escravidão contemporânea."

A BASE DA PIRÂMIDE

Clubes grandes também agonizam. Recentemente, os elencos de Botafogo e Santos ameaçaram fazer greve por causa de seguidos atrasos de pagamento. Na Portuguesa, atletas como Valdomiro, 36, contabilizam sete meses de salário a receber. "Futebol é uma ilusão. Na verdade, é uma máquina de explorar jogadores", diz o zagueiro, que só tem conseguido pagar as contas e até emprestar dinheiro a colegas mais jovens graças às economias que juntou em seus seis anos no exterior.

Valdomiro e Pitol (abaixo): salários atrasados viraram rotina

"NUNCA VI TANTO DESCASO. ELE VIAJOU E SUMIU DO CLUBE. NÃO TEMOS NEM A QUEM COBRAR."

Valdomiro critica Ilídio Lico, presidente da Portuguesa

Assim como ele, pelo menos outros nove do elenco se queixam da falta de pagamentos prolongada. A diretoria lusitana, que reconhece as dívidas, quitou os salários de janeiro, já que o regulamento do Campeonato Paulista prevê, em todas as divisões, a perda de pontos de equipes que não pagam em dia. A regra, no entanto, tem se mostrado ineficaz. Além da Portuguesa, Grêmio Barueri, São José e Marília, que acumula três meses de salários atrasados, estão inadimplentes em 2015. Denúncias dependem de representação formal dos atletas no sindicato e, até agora, nenhum clube foi punido.

Somente no Ministério Público do Trabalho de Campinas correm 23 processos

©1 RENATO PIZZUTTO ©2 EDISON VARA ©3 CLAUDIO LIMA

ATAQUES À PROFISSÃO

COMO OS CLUBES TÊM VIOLADO OS DIREITOS DO JOGADOR DE FUTEBOL

DIREITO DE IMAGEM

Em vez de pagar o salário integral em CLT, dirigentes atrelam a remuneração aos direitos de imagem do jogador, que, em tese, deveriam ser utilizados pelo departamento de marketing. Mas a artimanha serve para eximir o clube de encargos trabalhistas. Jogadores de times grandes, como Fred, do Fluminense, recebem mais direitos de imagem que o salário em carteira. O clube carioca deve 4 milhões de reais ao atacante por ter atrasado quase dois anos o pagamento da imagem.

A LEI DO CALOTE

Se o clube deixa de pagar os vencimentos ou recolher o Fundo de Garantia (FGTS) e INSS por três meses, o atleta pode rescindir o contrato de forma unilateral. Para não perder jogadores, times maiores adotam a prática de quitar o salário da CLT, geralmente um valor simbólico, e não pagar os direitos de imagem.

ESCRAVIDÃO MODERNA

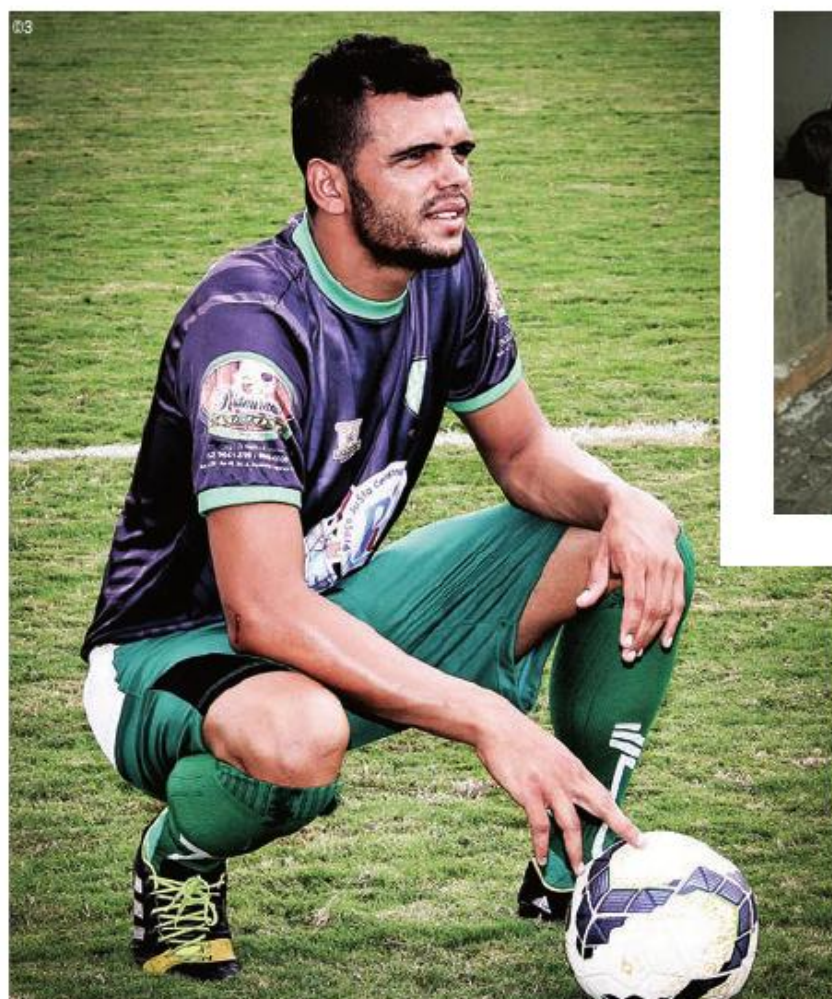
Além de não honrar o pagamento de salários, clubes endividados e sem estrutura impõem condições de trabalho análogas à de escravo e colocam em risco a integridade física dos jogadores, sendo que muitos deles acabam sofrendo assédio moral e são até extorquidos por dirigentes.

contra times da região, 18 a mais em relação há quatro anos. Em todo o Brasil, o MPT registra 917 procedimentos envolvendo fraudes trabalhistas e violações de direitos dos jogadores desde 2002. Alguns estados, como Piauí, Sergipe, Acre, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo, vivem situação crônica de atrasos salariais, onde praticamente todos os clubes operam no vermelho. Também há casos de camisas tradicionais atoladas na crise, a exemplo de Guarani, Paraná Clube e Vila Nova. O goleiro Marcelo Pitol, 32, cobra na Justiça cinco meses de salário referentes a sua passagem pelo time goiano em 2013. Não é a primeira vez que ele protagoniza um litígio trabalhista. Levou cinco anos para receber uma dívida do Náutico e outros cinco para entrar em acordo com a falida Ulbra, de Canoas (RS).

"Jogar e não receber afeta o rendimento", diz o goleiro, que carrega os escudos de 19 clubes no currículo e hoje defende o Aimoré-RS. "É duro ir treinar e ver jogadores pedindo dinheiro emprestado. Se for mal em campo, aí que o dirigente não paga mesmo." A demora para receber na Justiça é cruel com jogadores da parte mais baixa — e extensa — da pirâmide. Dependendo do clube, eles são obrigados a pagar do próprio bolso custos de até 2 000 reais para se inscreverem nas federações. Rescisão de contrato sem justa causa, então, é infortúnio ainda maior. Demissão no futebol raramente assegura benefícios típicos de todo trabalhador. É praxe na maioria dos clubes devedores não recolher o fundo de garantia e o INSS, apesar de a contribuição muitas vezes ser descontada no salário dos jogadores. Com isso, sobretudo se não tiverem anotação do vínculo na carteira de trabalho, eles enfrentam dificuldade para usufruir do seguro-desemprego. Advogados podem arrolar o benefício em eventuais ações judiciais, mas, como o processo contra clubes costuma ser longo, o atleta precisa se virar até fechar um novo contrato.

SEM UNIDADE

O Rio Grande do Sul é o único estado que estabeleceu um piso salarial para a classe: 1 000 reais. Não raro, sobretudo nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, jogadores treinam e jogam o mês inteiro para receber menos que um salário mínimo (788 reais). "Estamos preparando uma convenção nacional em abril para instituir o piso e outras medidas importantes em todos os estados", diz o presidente nacional do Sindicato dos Atletas, Rinaldo Martorelli. Outro problema enfrentado pelos jogadores em clubes pequenos é a falta de um calendário anual de jogos. "Só conseguimos contrato de quatro, cinco meses para disputar Estaduais. Quem não joga em clube grande corre o risco de ficar o resto do ano parado", afirma Pitol. O caminho para socorrer os nanicos é árduo. O Bom Senso F.C., movimento encabeçado por atletas experientes, exige campeonatos mais abrangentes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

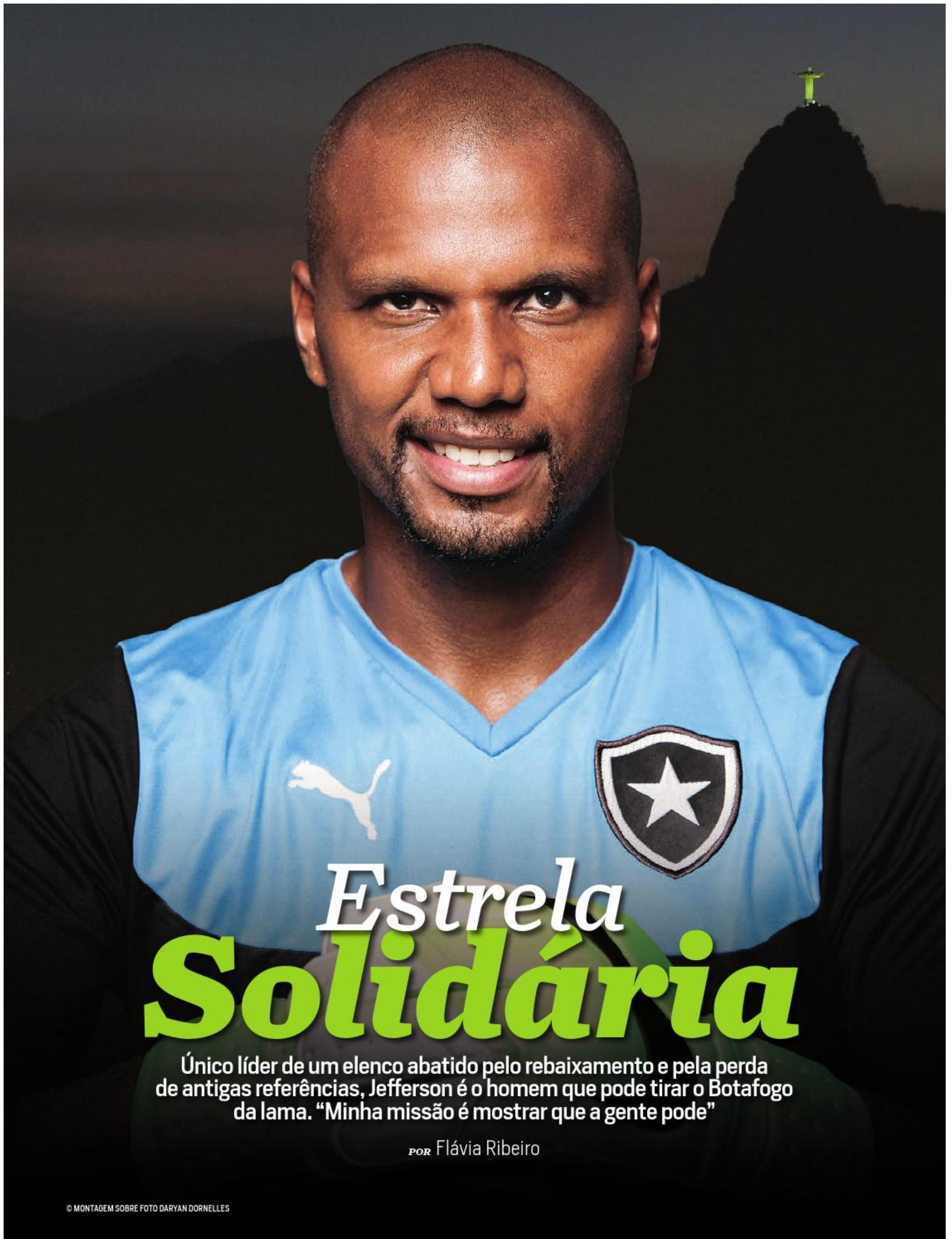
Rompido com o sindicato, o grupo diverge da entidade em questões-chave como a proposta de aposentadoria para os jogadores e a Lei de Responsabilidade Fiscal, que prevê a criação de uma agência reguladora para fiscalizar e punir clubes em inadimplência. O projeto depende de aprovação no Congresso Nacional. Enquanto isso, dirigentes de Caiçara e América de Propriá, que está inativo desde o ano retrasado, não foram encontrados para comentar os casos de exploração dos jogadores. Aloísio Andrade, presidente do Lagarto, afirma que a antiga gestão foi responsável pelos calotes e que tem tentado acertar as dívidas com atletas que deixaram o time. Kemerson segue à espera de um contato, uma chance em clube grande. Ou ao menos de ser tratado como jogador de futebol, um trabalhador, não como mercadoria. ☒

Thiago Bento e Murilo (acima), que passou mal depois de jogo pelo América-SE, estão sem clube

Letra de música, cena de cinema, sonho de estrangeiro, pano de fundo da selfie perfeita. A cidade mais linda do mundo está fazendo aniversário em março. E sabe quem vai comemorar durante o mês inteiro? Todas as revistas da Abril e você, com matérias exclusivas, como esta a seguir. Aproveite!

— Realização —

— Parceria —

— Patrocínio —

— Apoio —

Estrela Solidária

Único líder de um elenco abatido pelo rebaixamento e pela perda de antigas referências, Jefferson é o homem que pode tirar o Botafogo da lama. "Minha missão é mostrar que a gente pode"

POR Flávia Ribeiro

© MONTAGEM SOBRE FOTO DARYAN DORNELLES

No dia em que Jefferson se reapresentou ao Botafogo, após as férias de fim de ano, os olhos da maior parte dos jogadores brilharam. O olhar reverente não passou despercebido pelo técnico René Simões, que chamou o goleiro para uma conversa. Nela, ele contou que o técnico de basquete americano Phil Jackson, que treinou o Chicago Bulls, puxou Michael Jordan para um papo. "O Phil pergunta a Jordan se ele sabe o porquê de o Magic Johnson ainda ser maior que ele. 'Porque o Magic é campeão, e você não', diz ele. E ele então explica que o Jordan só não é campeão ainda porque o resto do time o olhava de baixo para cima. 'Você tem que puxá-los para cima. Para perto de você', ele disse. E deu no que deu, em seis títulos. E então eu disse ao Jefferson que esse é o papel mais importante dele este ano: puxar os jogadores do Botafogo para mais perto dele, para que eles cresçam. E ele tem feito exatamente isso", diz René.

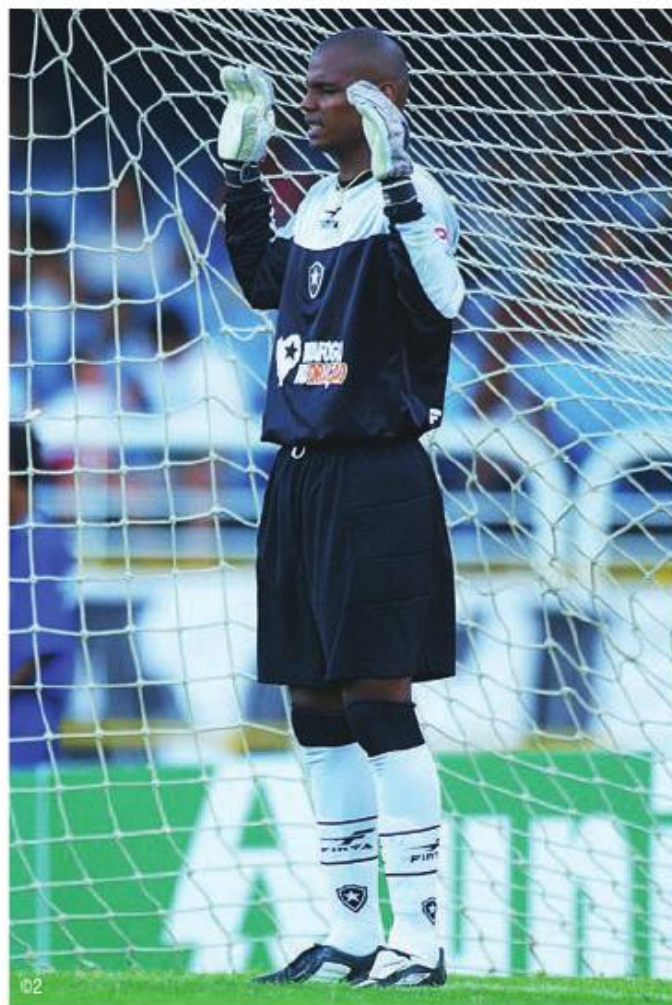
Aos 32 anos, Jefferson não teve problemas em assumir a responsabilidade de liderar o grupo. Era algo que ele na verdade já fazia, mas com a companhia de outros jogadores, como Bolívar e, antes, Seedorf. Agora se vê sozinho na função, a estrela solitária do alvinegro. "Meu maior papel aqui é mostrar para os jogadores, muitos na primeira passagem por um grande clube, que a gente pode. Que a gente consegue", diz. "Jogador precisa de valorização, carinho e se sentir em casa. O ano passado foi difícil, mas eu me sinto em casa no Botafogo. Decidi acreditar."

Falar para os jogadores que eles podem é fácil. Fazê-los acreditar é que são elas. Para isso, Jefferson usa sua própria vida como exemplo. Quando foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira, em 2010, pelo técnico Mano Menezes, o goleiro enfrentou muita desconfiança. "Um repórter chegou a me perguntar: 'Eu te respeito muito como goleiro, mas você não acha que teria que ter mostrado mais antes de chegar à seleção?'. Eu respondi: 'Olha, eu te respeito também, mas não tenho que te provar nada'. Mas ali também percebi que eu estava longe de ser unanimidade. Que havia rejeição ao meu nome. Então, contei isso a eles, porque sei o que passa pela cabeça de vários deles, que seus nomes não seriam a primeira escolha de muita gente. E no entanto hoje, cinco anos depois, eu ainda estou lá, recebendo muito mais confiança que antes. Porque não caí lá de paraquedas, eu fui convocado por todo um trabalho. E eles não caíram no Botafogo de paraquedas também".

Não satisfeito, ele lembra a todos que, mesmo tendo que enfrentar a segunda divisão do Brasileiro, o Botafogo é grande.

"NO ANO PASSADO, NINGUÉM SE ENTENDIA. PORQUE TODO DIA TINHA BRIGA."

Jefferson, a respeito do clima conturbado no clube em 2014

©1 BOTAFOGO OFICIAL ©2 DARYAN DORNELLES

"Sabe quantos jogadores queriam estar aqui, neste time, no nosso lugar?", pergunta ao resto do elenco. Jefferson quis tanto ficar que preferiu recusar uma proposta do Santos e interromper sondagens de outros grandes clubes brasileiros, todos da primeira divisão, assinando até o fim de 2017. Não foi por falta de interesse de outros, portanto, que resolveu jogar a Segundona pelo time que defende há seis anos, mas com o qual tem uma história desde 2003.

O COMEÇO, NA SÉRIE B

Quando Jefferson chegou ao Botafogo pela primeira vez, naquele ano, o clube estava justamente na série B. Vinha do Cruzeiro, onde foi criado, para ser reserva de Max. Naquela época, conversou com Wágner, que defendeu a meta alvinegra de 1993 a 2002 e estava no América. "Ele me disse que eu tinha a cara do clube, que tinha tradição em goleiros negros." Wágner, Max e Jefferson, afinal, são homens que ajudaram a derrubar o preconceito contra goleiros, construído desde 1950, quando a culpa pela derrota do Brasil no final da Copa do Mundo, no Maracanã, recaiu nos ombros — e mãos — de Barbosa. Entre eles, havia Manga, o goleiro com mais jogos pelo Botafogo (veja quadro na próxima página).

Jefferson é ídolo, mas antes provou o inferno da série B em 2003 (acima) e uma passagem obscura pelo futebol turco

Mas só isso não explica a afinidade do goleiro com o Botafogo. Nem ele sabe explicar. Sabe apenas que, quando saiu do clube após a primeira passagem para jogar na Turquia, em 2005, ficou com uma sensação de algo inacabado. "Quando quis voltar, em 2009, o primeiro clube que procurei foi o Botafogo. Acertei tudo e vim. Quando cheguei, veio a informação: 'Não vamos fechar o negócio'. A essa altura, não tinha mais clube para mim", conta. Jefferson ficou dois meses treinando sozinho em sua cidade, São José do Rio Preto (SP), correndo por conta própria e tentando conter a angústia de não saber o que aconteceria com sua carreira dali para a frente.

Faltando dez dias para fechar a janela de transferência, com o Botafogo na zona do rebaixamento, recebeu a ligação de um dirigente do clube: "Ainda quer vir?" Foi. Mas em condições

MALUCO, EU?

Jefferson muitas vezes nem sabe bem o que está acontecendo no ataque, a ponto de nem sequer ver alguns gols. O que ajuda a explicar uma cena que se repete nas partidas: a bola no ataque de seu time e ele se mexendo sozinho de um lado para o outro, como se ela estivesse na defesa. "Já me perguntaram se eu sou louco", conta, rindo. "É que eu aproveito enquanto a bola está na frente para simular situações de jogo. Se, numa jogada anterior, o atacante chutou para fora, eu fico simulando como se tivesse chutado certo." Para coroar a fama, Jefferson ainda apareceu em 2015 com um corte de cabelo que desenhava uma estrela solitária na cabeça.

ESTRELA SOLITÁRIA CAPILAR, CONVERGINDO ESTILO E IDENTIFICAÇÃO CLUBÍSTICA

PRIMEIRO, A META. DEPOIS, SÓ A FAMÍLIA

Com 379 jogos com a camisa alvinegra, Jefferson tem uma meta pessoal: chegar a 500. Imagina que vai jogar ainda por uns cinco anos, o que daria tempo de sobra para inclusive ultrapassar a meta. Ele é o segundo goleiro com mais jogos pelo Botafogo, atrás de outro ícone, Háilton Correa de Arruda, o Manga.

Durante nove anos, de 1959 a 1968, Manguinha foi supremo sob as traves alvinegras. Com 442 jogos, ainda é o arqueiro que mais atuou pelo alvinegro – na lista geral, é ultrapassado por Nilton Santos, Garrincha, Quarentinha e Waltencir. Basta uma temporada completa para Jefferson superá-lo.

Depois, vai se dedicar integralmente às mulheres de sua vida: sua esposa, Michelle, e as filhas, Nicole, de 6 anos, Débora, de 4, e Jéssica, de 1. À noite, quando chega dos treinos, brinca de boneca e serve de touro para as meninas montarem. Depois que elas dormem, vê filmes na TV com Michelle. Sai pouco. "Com criança é difícil", diz ele, que é evangélico e leva a religião, a família e o Botafogo a sério.

Manga, o goleiro com mais jogos pelo Botafogo. Objetivo de Jefferson é ultrapassá-lo

totalmente diferentes das que haviam sido acordadas quando ele ainda estava na Turquia. "Fui ganhando praticamente salário de júnior e para ser reserva, com contrato de apenas quatro meses", recorda. Só que, depois de três semanas, ele ganhou a vaga e teve papel importante na caminhada do Botafogo para permanecer na série A, incluindo uma grande defesa no jogo que garantiu que o time não cairia, contra o Palmeiras, na última rodada. Após cinco partidas, foi chamado para renovar, já com um contrato melhor.

A partir dali, Jefferson foi crescendo na equipe. Tornou-se referência para o torcedor, ganhou o respeito e, por fim, o amor. "Foi uma relação construída, cada um conquistando a confiança e o amor do outro. Isso é o que vai restar quando eu parar. Chegar ao clube, ouvir os agradecimentos, ver minha foto pendurada. É isso que estou plantando", comenta ele, referindo-se ao espaço, na sala da assessoria de imprensa, em que fotos de grandes ídolos alvinegros — como Garrincha, Túlio, Carlos Alberto Torres e o goleiro Manga — decoram as paredes. Jefferson afirma que quer encerrar a carreira no Botafogo, e não parece estar jogando para a torcida ao dizer isso. Lembra que já jogou fora do Brasil e que está bem no Rio. Tudo isso apesar de o clube estar afogado em dívidas de mais de 700 milhões de reais, inclusive com o próprio jogador: dez meses de direitos de imagem em atraso, num total de mais de 2 milhões de reais.

"Acredito no presidente que assumiu [Carlos Eduardo Pereira], que ele só manteve e trouxe quem ele pode pagar. A outra chapa já tinha dito que não poderia me manter. O Carlos Eduardo afirmou que eu era prioridade." Tanta prioridade que o marketing do clube lançou a campanha #NossoJefferson, por meio da qual conclama os torcedores a colaborarem financeiramente para o pagamento da dívida com o ídolo. O goleiro, no entanto, afirma que aceitou ser a cara da campanha, mas que avisou à diretoria que o dinheiro arrecadado não deve ser usado só com ele, e sim com outros jogadores e funcionários. "Eu não posso ser o único beneficiado de uma campanha", diz.

Líder que é líder pensa nos outros, afinal. E não só nos companheiros de time, mas também nos funcionários do clube,

> "NÃO POSSO PENSAR SÓ NAS MINHAS DÍVIDAS. NÃO VOU LEVAR O BOTAFOGO SOZINHO."
> **Jefferson,** sobre as dívidas do clube com os funcionários

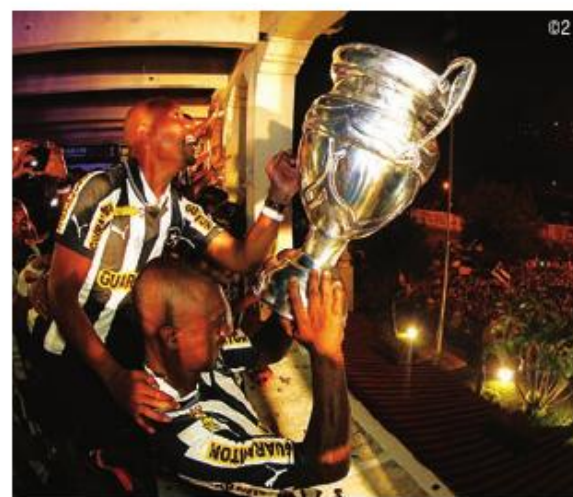
muitos deles tendo ficado até dez meses sem receber salário. "Teve gente aqui que teve que entregar a casa porque não podia mais pagar as contas, gente despejada. Teve família separada, porque funcionários foram morar na concentração em General Severiano e suas mulheres e filhos foram para a casa dos pais. Eu não posso pensar só nas minhas dívidas, né? E não sou eu que vou levar o Botafogo para a primeira divisão novamente sozinho. Nós compramos esse barulho juntos, vai ser a equipe que vai fazer isso."

O projeto, então, precisou ser reformulado. Jefferson não quer passar pelo que viveu no ano passado, quando o diálogo entre atletas e diretoria era inexistente. No auge da crise alvinegra, ainda sob a gestão de Maurício Assumpção, o goleiro chegou a duvidar de sua capacidade de superar os problemas para ficar no Botafogo. No segundo semestre do ano passado, então, o clima era insustentável. Antes, o goleiro fazia questão de estar cedo no clube para poder ficar de papo com os amigos. Naquele momento, quando chegava com antecedência, preferia ficar sozinho, no carro, até a hora de se apresentar para o treino. Na época, Jefferson, Emerson Sheik, Bolívar, Edílson e Júlio César participaram de reuniões com o ex-presidente Carlos Augusto Montenegro para discutir uma proposta que possibilitasse a quitação das dívidas do elenco.

O minimuseu que o Botafogo montou para Jefferson na loja do clube, em General Severiano

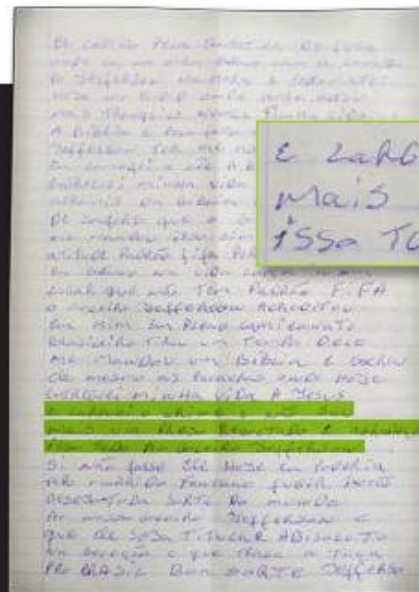
Maurício Assumpção, ao saber disso, demitiu os outros quatro. Manteve Jefferson provavelmente por saber que o desgaste com a demissão do ídolo seria enorme. "No ano passado, ninguém se entendia. Tinha gente que chegava no treino já perguntando: 'O que será que vai ter hoje?'. Porque todo dia tinha briga. Não entre nós, jogadores. Éramos muito unidos. Mas nos sentíamos o tempo todo ameaçados de ir embora. Não havia diálogo, não havia reconhecimento, não havia gratidão. É normal em um clube, quando há atrasos, os jogadores conversarem com o presidente, perguntarem como está a situação, quais as perspectivas. Ali, não. Então, os quatro foram demitidos, e eu fiquei. Acho que o que me segurou foi eu estar na seleção."

Outro exemplo da falta de diálogo, conta Jefferson, foi a demissão do treinador de goleiros Flávio Tênius (atualmente no Vasco), um mês antes do início da Copa do Mundo. "Respeito muito quem entrou, que não tem nada com isso. Não entendo é terem demitido o Flávio sem aviso nem explicação. Se eu estava convocado para a Copa, o trabalho dele devia ser bom, né? E era."

Hoje, com Dunga como treinador, Jefferson tornou-se titular da seleção. Na época da Copa, era reserva de Julio Cesar e assistiu do banco ao fatídico 7 x 1 para a Alemanha. Muita gente, principalmente botafoguenses, diz a ele: "Ainda bem que você não estava em campo!" A todos, ele responde: "Pois a ferida é a mesma. Senti o que todos sentiram". Ninguém sabe explicar o que aconteceu naquele jogo, muito menos Jefferson. Ele só sabe que os jogadores queriam reagir e simplesmente não conseguiam,

Com Seedorf: liderança dividida e título carioca em 2013

"JEFFERSON MUDOU MINHA VIDA"

"Estou preso há 11 anos. Cumpro uma pena de 81 anos por assaltos a bancos e carros-fortes. Estou no RDD, o Regime Disciplinar Diferenciado. Não tenho TV nem rádio. Só podem entrar livros e revistas. É na PLACAR que acompanho o Cruzeiro, meu time de coração. Antes, estava na [penitenciária] Nelson Hungria, em Contagem (MG), a mesma do ex-goleiro Bruno. Gosto de goleiros: eu já havia mandado uma carta para Jefferson, do Botafogo. Tentei fugir uma vez: com um revólver 38, rendi um agente e uma professora. Tentei pular o muro, mas não consegui. Virou a maior rebelião daquele presídio. No mesmo dia em que era transferido para a segurança máxima, recebi a resposta de Jefferson. Ele me mandou uma *Bíblia* e uma camisa autografada. Disse para ler João, capítulo 8, versículo 32: "Conhecereis a verdade, e a verdade o libertará". Aquela foi uma resposta Padrão Fifa. Jefferson acreditou em mim. Em pleno Campeonato Brasileiro, ele tirou um tempo para me responder. Suas palavras mudaram minha vida: larguei o crime. Não fosse Jefferson, poderia ter morrido em uma nova fuga."

Carta enviada à PLACAR por Daniel Augusto Cypriano, detento da Penitenciária de Segurança Máxima de Francisco Sá (MG)

E larguei o crime e não sou mais um preso revoltado e agradeço isso tudo ao goleiro Jefferson

Na seleção: reserva de Julio Cesar na Copa e titular do time de Dunga

enquanto tomavam um gol atrás do outro. Na sua primeira convocação após assumir a equipe, Dunga fez questão de deixar claro que aquele capítulo ficou para trás. A partir dali, uma nova história se escrevia. No primeiro dia, remanescentes daquele jogo sentiram que havia uma barreira entre eles. "Estávamos eu, Neymar, Luiz Gustavo. Sentia um gelo ali", lembra. Eles então conversaram e a névoa gelada se dissipou. "É um grupo jovem, mas forte. E o ambiente está leve", garante.

Ambiente leve na seleção e no Botafogo, portanto. Que, em meio a tantas más notícias, pôde voltar a jogar na sua casa, o Engenhão, reaberto após quase dois anos fechado para obras. Mais um motivo para a liderança de Jefferson aflorar, dessa vez em constantes conclamações à torcida. "O campo, em si, tanto faz. Quem o transforma em nossa casa é a torcida. O Engenhão só vai fazer diferença a nosso favor se o torcedor aparecer", diz, deixando claro que nem se sente um líder. Até um ano atrás, quando se falava em líder no Botafogo, a imagem que vinha à mente nem era a dele, e sim a do holandês Seedorf. Jefferson se sente bem diferente do antigo companheiro de equipe. "Minha liderança não é vaidosa. Não quero foco, não quero glória. A liderança do Seedorf é boa, mas forte, de cobrança. Sou mais de conversar até o cara se abrir do que de dar dura. Em campo cobro mais, mas mais do pessoal da defesa. 'Fulano, bate forte na bola. Beltrano, chega mais por esse lado'. Mas cada um sabe o que fazer e não me meto no trabalho do treinador. Não digo como bater pênalti, não mando meia cair por esse ou aquele lado. Sei meu papel."

> "MINHA LIDERANÇA NÃO É VAIDOSA. NÃO QUERO FOCO, NÃO QUERO GLÓRIA."
> **Jefferson,** a respeito do papel de líder na equipe

©1 MOWA PRESS

EDIÇÃO *Paulo Jebaili*

Planeta bola

Craques e bagres que fazem o futebol no mundo

VOLANTE COM DIREÇÃO

Se comete barbeiragens no trânsito e no idioma, em campo Fernando está sempre bem situado

As escalações iniciais do Manchester City trazem com frequência o nome do volante Fernando Reges. Prova de afirmação do brasileiro que chegou ao clube no início da atual temporada para integrar um elenco com fortes concorrentes no setor.

Após seis anos no Porto, Fernando encontrou dificuldades na Inglaterra. "Não sabia falar uma palavra em inglês e falhei algumas vezes nos meus primeiros jogos. Os companheiros gritavam 'away' e eu achava que era para deixar a bola ou o jogador passar. Mas aqui significa tirar a bola, chutar para longe. Demorou, mas aprendi", conta, com bom humor. Oito meses após o desembarque, diz já compreender as preleções do técnico Manuel Pellegrini e se comunicar melhor. A exceção fica por conta do companheiro de time James Milner. "Ele fala muito rápido, parece até outra língua."

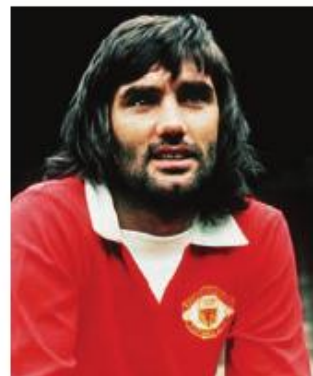
Se conseguiu ficar bem posicionado em campo, o mesmo não aconteceu no trânsito. A localização do motorista no lado direito dos veículos criou dificuldades na locomoção. "Minha primeira semana foi terrível. Em toda rotatória, eu virava errado e quase causava acidente."

O frio inglês também tem influenciado o dia a dia de Fernando. Em um dos invernos mais rigorosos dos últimos anos, os termômetros chegaram a marcar 4 graus negativos. Criado em Alto Paraíso de Goiás, o jogador confessa que prefere ficar em casa com a mulher, Bruna, e os dois filhos. "Não tem muito o que fazer aqui na cidade. E o futebol inglês é muito pegado. Então prefiro ficar em casa e descansar porque não tem como suportar a intensidade dos jogos sem um bom condicionamento."

Fernando jamais foi convocado para a seleção e tentou jogar a Copa por Portugal, mas foi impedido pela Fifa por ter disputado o Sul-americano sub-20 pelo Brasil. "Não acho que isso vai me atrapalhar. O Mário Fernandes abandonou a seleção e ainda foi convocado. Mas, sinceramente, não espero mais ser convocado. Fiz tudo o que tinha de ser feito, venci tudo e nunca recebi uma chance", diz.

Pelo Porto: o volante tentou jogar a Copa por Portugal

PLAYBOYS DA BOLA

A FESTANÇA DE 30 ANOS DE ***CRISTIANO RONALDO***, POUCAS HORAS DEPOIS DA DERROTA DO REAL MADRID PARA O ATLÉTICO POR 4 X 0, EM FEVEREIRO, MOTIVOU UMA CHUVA DE CRÍTICAS. COM FERRARIS E LINDAS MULHERES EM SEU ENTORNO, O MELHOR DO MUNDO NÃO É O ÚNICO A CHAMAR ATENÇÃO PELO QUE FAZ TAMBÉM FORA DAS QUATRO LINHAS. VEJA OUTROS CASOS DE JOGADORES CELEBRIDADES.

George Best
Ícone dos anos 70, o norte-irlandês esbanjava talento nos gramados e grana fora deles. É autor da célebre frase: "Gastei boa parte do meu dinheiro com bebidas, mulheres e carros. O resto eu desperdicei".

Antonio Cassano
O habilidoso meia italiano também se notabilizou por ser um atleta de alcova. Defendia a tese de que o sexo no dia do jogo melhorava seu desempenho. Em sua biografia, contabiliza entre 600 e 700 parceiras na carreira.

Gabriel Agbonlahor
O ano de 2008 foi fecundo para o atacante do Aston Villa. No primeiro jogo da temporada, marcou três gols em 7 minutos. Na mesma época, veio a notícia de que três mulheres estavam grávidas do jogador.

Guenter Netzer
O alemão que jogou no Borussia Möchengladbach e no Real Madrid desmistifica a imagem do playboy esbanjador. Apesar de bon vivant, depois da carreira de jogador, tornou-se um bem-sucedido empresário na área de comunicação.

CRAQUES DE IMPLOSÃO

Eles pintaram como promessas, mas... ficaram só na promessa

Apesar de ter cruzado o Atlântico de volta ao Brasil, o meia Anderson continuou no foco de jornais ingleses, que detonaram seu desempenho nos primeiros jogos pelo Inter. Em 2007, ele chegou ao Manchester United cercado de expectativas. Nas últimas temporadas perdeu espaço no clube e tampouco vingou quando emprestado à Fiorentina. Selecionamos outros talentos que tiveram rota descendente.

ROYSTON DRENTHE
Lateral – 27 anos
Eleito o melhor jogador da Euro sub-21, o holandês foi do Feyenoord para o Real Madrid, onde chegou a ser apontado como "o sucessor de Roberto Carlos". Mas o brilho foi se apagando. Passou por clubes de menor expressão, como Alania Vladkavkaz-RUS e Reading. Este ano foi para o Kayseri Erciysspor, da Turquia.

FREDDY ADU
Atacante – 25 anos
Aos 14 anos, o norte-americano assinou um contrato profissional com o DC United. Chegou a ser chamado de "o novo Pelé", mas a carreira do jovem mostrou que o rótulo foi pesado. Perambulou por Turquia, Portugal e Grécia. Em 2013, esteve no Bahia, onde pouco jogou. Rumou para o FK Jagodina, da Sérvia. Virou promoter.

KLÉBER
Atacante – 24 anos
Revelado no Atlético-MG, foi contratado pelo Porto em 2011, mesmo ano em que foi convocado para a seleção brasileira. Depois, sua carreira fez uma espiral. Teve uma passagem frustrada pelo Palmeiras em 2013 e voltou ao Porto, no time B, onde também perdeu espaço. Está emprestado ao Estoril Praia.

ANDREY ARSHAVIN
Meia – 33 anos
O russo assombrou na Euro 2008. No ano seguinte, foi comprado pelo Arsenal, que parecia ter feito um grande negócio com o Zenit. Mas o jogador teve a trajetória de um meteoro. Passou a ficar mais no banco do que em campo, foi emprestado de volta ao clube de São Petersburgo, para onde voltou em definitivo em 2013.

Cartes, presidente do Paraguai e ex do Libertad, e Adelis Chávez, irmão de Hugo Chávez e chefão do Zamora

Laços políticos

Clubes sul-americanos têm histórias cruzadas com a de presidentes de seus países

Dois times que disputam a Libertadores têm ligações com a presidência de seus respectivos países. O Zamora, da Venezuela, é presidido pelo economista Adelis Chávez, irmão de Hugo Chávez, que governou o país de 1999 até sua morte, em 2013. O clube começou a ascender em 2001, quando trocou o nome de Atlético Zamora para Zamora FC. Até então era um frequentador da segunda divisão. Em 2005, ascendeu à elite. Hoje é bicampeão do país e está em sua terceira Libertadores, a segunda consecutiva. Já o Libertad, do Paraguai, foi dirigido por Horácio Cartes, eleito presidente do país em 2013. Empresário que atua em vários segmentos econômicos, Cartes esteve à frente do clube desde 2001. Durante a gestão de Cartes, o clube teve seu melhor desempenho na Libertadores: chegou à semifinal em 2006, quando foi batido pelo Inter. Em 2013, o também empresário Carlos Agüero o sucedeu na presidência do clube.

"Selfies não deveriam ser tiradas a cada vitória. Esse é o trabalho dos jogadores, eles são pagos para isso."
JAMIE CARRAGHER, EX-ÍDOLO DO LIVERPOOL, ATUAL COMENTARISTA

O humano e a estatística

Um olho nas informações e outro nas pessoas. É a receita do gerente da seleção alemã para formar um time vencedor POR RENATO MULLER

Para Oliver Bierhoff, gerente geral da seleção da Alemanha, campeã do mundo, contar com uma liderança forte e mergulhar nos dados do jogo são fundamentais para desenvolver uma equipe vencedora. Em Nova York, o ex-atacante, que disputou as Copas de 1998 e 2002, falou à PLACAR sobre os aspectos fundamentais para a alta performance.

USO DE DADOS

"Os analistas decifram os dados e nos permitem entender, muitas vezes, o que nos levou a ganhar ou a perder um jogo. Os detalhes fazem uma enorme diferença no resultado final, e estamos ainda engatinhando no entendimento disso."

Bierhoff com Khedira, na Copa 2014, e brilhando com a camisa da seleção no Mundial de 1998, contra a Iugoslávia

ESPÍRITO COLETIVO

"Você não pode ter atletas com uma atitude ruim, que prejudique o coletivo. Prefiro jogadores 100% focados, mesmo que não sejam supercraques, a alguém espetacular pouco interessado. Isso, ao longo do tempo, cria uma família, um espírito de equipe."

ADESÃO

"No futebol há muito espaço para usar dados e melhorar o desempenho das equipes. Mas isso só se constrói se tivermos jogadores dispostos a abraçar essa filosofia. Se um jogador diz que está dando o máximo, podemos olhar os números e mostrar a ele que isso não é verdade. Quem tem maturidade para entender deixa de lado suas desculpas e desenvolve seu jogo."

LIDERANÇA

"Não basta ter bons jogadores. Temos que criar toda uma estrutura que guie os atletas e os faça suportar a pressão por resultados. Isso vem de cima, da liderança."

Mercado bombando

Os clubes argentinos da primeira divisão investiram em 2015 cerca de 25 milhões de dólares em contratações, valor superior aos 23 milhões gastos nos últimos quatro anos somados. Veja alguns nomes:

US$ 4,5 mi

RIVER PLATE
Gonzalo Martínez (M, ex-Huracán)

O inferno de Dortmund

De potência europeia a lanterna da Bundesliga, time alemão é a surpresa negativa da temporada

Saída desolada de campo — cena comum em Dortmund na temporada

A CENA DO ZAGUEIRO MATS HUMMELS e do goleiro Roman Weindenfeller conversando com torcedores após a derrota que levou o Borussia Dortmund para a última posição da Bundesliga contrasta com a festa do começo da temporada, com o time erguendo a Supercopa da Alemanha ao bater o Bayern por 2 x 0.

Duas vezes campeão alemão e duas vezes vice nos últimos quatro anos e vice da Liga dos Campeões em 2013, o Dortmund é a surpresa negativa no mundo do futebol. "Se alguém dissesse no começo da temporada que o Dortmund ficaria em último na Bundesliga, seria levado diretamente para o manicômio", declarou Franz Beckenbauer, após a derrota para o Augsburg (1 x 0), na 19ª rodada. Após chegar ao fundo do poço, o aurinegro alemão deu sinais de reação. Na 21ª rodada, havia subido para a 15ª colocação.

No olho do furacão, o técnico Jürgen Klopp, que tinha o status de inovador, cult e era pretendido por grandes clubes, passou a ter o trabalho questionado. "De fato, há quatro anos não se vê nenhuma evolução tática na equipe", diz Gerd Wenzel, comentarista da ESPN. "Tenta jogar da mesma forma de antes, mas, como carece de talentos como o meia atacante Götze e o atacante de ofício Lewandowski, só para citar dois exemplos, não consegue reeditar suas brilhantes jornadas", diz. Segundo Wenzel, o fator físico também pesou, com as contusões em sequência. "O sistema de jogo que Klopp preconiza, de alta velocidade na transição da defesa para o ataque e forte pressão sobre o adversário quando este está de posse da bola, exige muito dos jogadores do ponto de vista físico." Wenzel ressalva que há também uma limitação financeira. "Não se pode exigir de um clube que fatura pouco mais da metade do Bayern Munique que mantenha um elenco do tipo 'dois jogadores equivalentes para cada posição'", diz o comentarista, que não acredita na queda do Dortmund.

RAIO X DO FIASCO

Outros aspectos para a derrocada

PERDAS – A cada temporada, o time testemunha a despedida de seu destaque. Sahin (2011), Kagawa (2012), Götze (2013) e Lewandowski (2014).

REPOSIÇÕES – Ciro Imobbile e Adrian Ramos, trazidos para compensar a saída de Lewandowski, não vingaram: o italiano marcou três gols na Bundesliga até a 21ª rodada, enquanto o colombiano, apenas dois.

AMARGOS REGRESSOS – Sahin e Kagawa, que retornaram ao clube, são pálidas lembranças de quando saíram.

NO BANCO DE REUS – O principal jogador, Marco Reus, viveu às voltas com contusões, o que inclusive o alijou da Copa do Mundo. Os frequentes rumores de que seria negociado podem ter contribuído para a perda de foco. Mas esse aspecto deve melhorar, já que o clube renovou seu contrato até 2019.

CONTUSÕES – A lista do departamento médico é quase uma escalação. As lesões perseguiram jogadores importantes como Hummels, Mkhitaryan, Kehl, Schmelzer, Gundogan e Nuri Sahin.

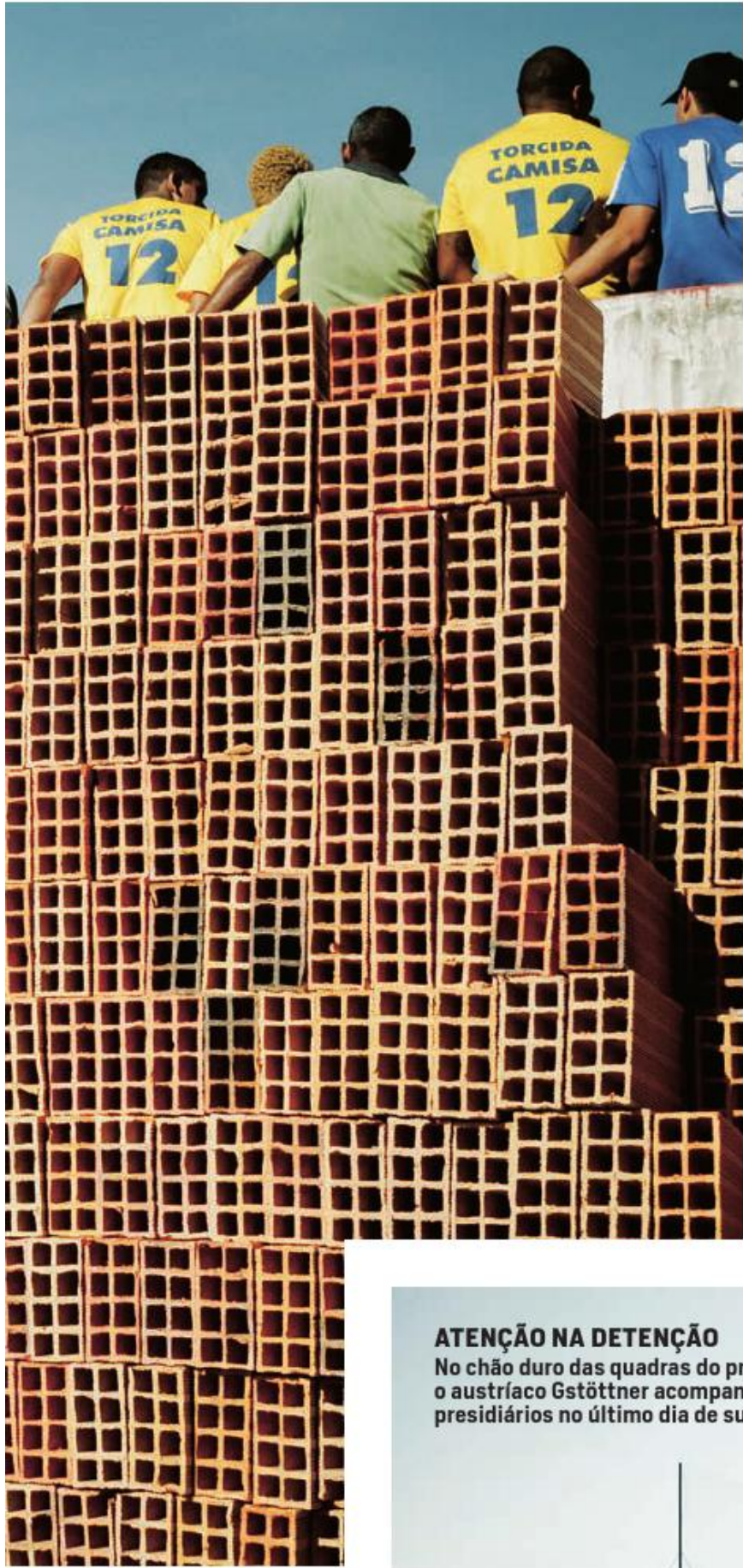
US$ 2,5 mi
BOCA JUNIORS
Nicolás Lodeiro (M, ex-Corinthians)

US$ 2,7 mi
RACING
Óscar Romero (M, ex-Cerro Porteño)

US$ 2,5 mi
INDEPENDIENTE
Lucas Albertengo (A, ex-Atlético Rafaela)

US$ 2 mi
SAN LORENZO
Franco Mussis (M, ex-Genoa-ITA)

Pelada além da grama

A bola rola em qualquer terreno no país que orbita em torno do futebol. Em "Gooool do Brasil", o austríaco **Alois Gstöttner** mapeia a paixão pelo esporte que move o brasileiro: diverte, distrai, aproxima e apaixona um povo

GRITO DE SOCORRO
Torcedores sergipanos, assim como os tijolos preparados para a ampliação do estádio Welllington Elias, em Nossa Senhora do Socorro, ficam lado a lado para acompanhar a final do primeiro turno do Estadual

BONDADE SÓ NO NOME
Vestiário do Boa Esperança, na periferia de São Paulo: "Garotos comportados não ganham nenhum jogo. Nós somos pitbulls malditos", gritam, rumo ao campo

ATENÇÃO NA DETENÇÃO
No chão duro das quadras do presídio de Guarulhos, o austríaco Gstöttner acompanhou o treinamento dos presidiários no último dia de sua viagem pelo Brasil

NASCEU NA TERRA
Como há 120 anos, um grupo se reúne para jogar futebol na Várzea do Carmo, no centro de São Paulo. Em 14 de abril de 1895, foi ali que a bola rolou pela primeira vez no Brasil

AS MOÇAS DO PELADÃO
Em meio à Floresta Amazônica, mais de 10 000 torcedores acompanham o Peladão, maior torneio de futebol amador do mundo. Junto com os atletas, cada uma das 506 equipes deve apresentar uma concorrente para a disputa do concurso de beleza

EDIÇÃO Rodolfo Rodrigues e Marcos Sergio Silva

Placar pédia

...s que explicam o futeb...

A CONQUISTA DA EUROPA

Com 39 gols, Neymar ultrapassou Maradona no Barcelona, mas ainda segue longe do brasileiro que mais fez gols pelo clube – a lenda Evaristo de Macedo. Mazzola ainda é o compatriota mais bem posicionado

Brasileiros com mais gols nos principais clubes da europa

Placarpédia

NUMERALHA

As contas que PLACAR conta

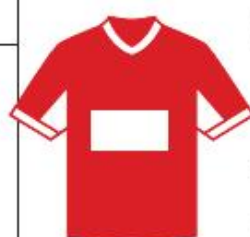
Foram gastos em 13 090 transferências internacionais de jogadores no mundo todo em 2014. Só a Inglaterra torrou 1,2 bilhão de dólares.

1493 BRASILEIROS

Foram envolvidos em transferências em 2014, segundo levantamento da Fifa.

ELENCOS MAIS VALIOSOS DA LIBERTADORES

TÉCNICO MAIS LONGEVO ENTRE OS 12 GRANDES

Marcelo Oliveira	Cruzeiro	25 meses (desde 01/2013)
Muricy Ramalho	São Paulo	17 meses (desde 09/2013)
Levir Culpi	Atlético-MG	10 meses (desde 04/2014)
Cristóvão Borges	Fluminense	10 meses (desde 04/2014)
Luiz Felipe Scolari	Grêmio	7 meses (desde 07/2014)
Vanderlei Luxemburgo	Flamengo	7 meses (desde 07/2014)
Enderson Moreira	Santos	5 meses (desde 09/2014)
Diego Aguirre	Internacional	2 meses (desde 01/2015)
Doriva	Vasco	2 meses (desde 01/2015)
Oswaldo de Oliveira	Palmeiras	2 meses (desde 01/2015)
René Simões	Botafogo	2 meses (desde 01/2015)
Tite	Corinthians	2 meses (desde 01/2015)

200 A 250 SEGUNDOS

É o tempo médio de exposição do patrocínio máster da camisa de um time de futebol durante a transmissão de um jogo pela TV. O patrocínio que fica na manga é mostrado entre 150 e 200 segundos. Já a logomarca do material esportivo é exibida por 30 segundos, de acordo com o Ibope Repucom.

MAIORES ACORDOS DE TV POR TEMPORADA*

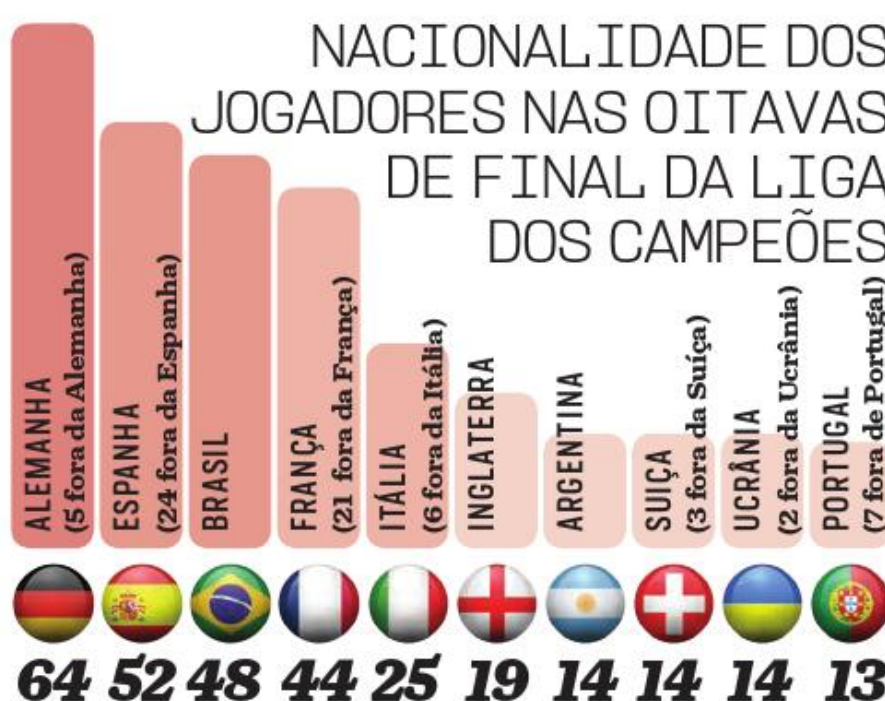
18,7 NFL (FUTEBOL AMERICANO)

11,4 PREMIER LEAGUE (CAMP. INGLÊS)

8,9 MLB (BEISEBOL)

7,2 NBA (BASQUETE)

Jogadores com mais ***cartões amarelos*** *na história da Liga dos Campeões, desde 1992*

NACIONALIDADE DOS JOGADORES NAS OITAVAS DE FINAL DA LIGA DOS CAMPEÕES

45 000

Selfies foram enviadas para o aplicativo da Juventus duas semanas antes do clássico contra o Milan. As imagens foram exibidas no telão do estádio de Turim durante o intervalo da vitória por 3 x 1, dia 19 de fevereiro.

MAIORES ACORDOS DE TV NO FUTEBOL*

11,4 PREMIER LEAGUE (CAMP. INGLÊS)

4,4 SERIE A (CAMP. ITALIANO)

3,1 LIGUE 1 (CAMP. FRANCÊS)

2,7 BUNDESLIGA (CAMP. ALEMÃO)

2,7 LA LIGA (CAMP. ESPANHOL)

* EM BILHÕES DE REAIS

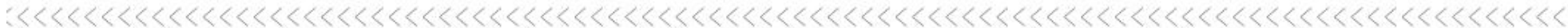
Placarpédia
MEU TIME DOS SONHOS
Os 11 melhores de todos os tempos para...
WALDIR PERES
O ex-goleiro da Copa de 1982 escala ex-colegas de seleção e os parceiros do São Paulo em seu esquadrão.
ESQUEMA
4-4-2
GOLEIRO
GYLMAR
"Goleiro dos dois primeiros títulos mundiais do Brasil. Cresci vendo-o jogar."
LATERAL-DIR.
LEANDRO
"Joguei com ele na seleção em 1982, não vi um lateral com a técnica que ele tinha."
ZAGUEIRO
OSCAR
"O Oscar foi para três Copas. Também era o capitão do São Paulo, um grande líder."
ZAGUEIRO
DARÍO PEREYRA
"Técnico e estrosado com o Oscar, formava uma dupla de qualidade muito alta."
LATERAL-ESQ.
JUNIOR
"Também da seleção de 1982. Muito técnico, teve carreira longa e vitoriosa."
MEIA
CLODOALDO
"Excepcional. Na Copa de 70, era o craque que permitia aos outros brilharem."
MEIA
GERSON
"Exercia ótima liderança no grupo. Nunca vi nada como os lançamentos dele."
MEIA
ZICO
"Tinha muita qualidade. O melhor da época, tanto no Flamengo como na seleção."
MEIA
PELÉ
"Ah, o Pelé nem se explica, né? É o Rei do Futebol, não tem como não estar."
ATACANTE
RONALDO
"Ele deu uma Copa para o Brasil. Também por toda a superação na carreira."
ATACANTE
JAIRZINHO
"O Jairzinho na Copa de 1970 fez gols em todas as partidas, foi um furacão."
© JOSÉ PINTO

As dúvidas mais cabeludas respondidas pela PLACAR

Pedro B. do Nascimento
São Carlos (SP)

Qual é o jogador que mais fez gols em Rogério Ceni? Procurei no Google, mas não encontrei nada que pudesse matar essa curiosidade.

R: Pergunta difícil, Pedro. Rogério Ceni havia entrado em campo em 1187 partidas até o início de fevereiro, mas só as súmulas das partidas do São Paulo foram contabilizadas pelo historiador do clube, Michael Serra. Nesse levantamento, as partidas realizadas pelo pequeno Sinop, do Mato Grosso, em 1990, não estão catalogadas. Mesmo assim, é fácil chegar a uma conclusão — e o maior carrasco de Ceni não é exatamente uma surpresa. Romário marcou 11 gols no são-paulino. O primeiro deles foi em 14/8/1993, quando o Baixinho atuava no Barcelona. O camisa 11 ainda anotaria quatro gols pelo Flamengo e seis pelo Vasco. Essa conta não inclui a partida Vasco 7 x 1 São Paulo, em 2001, quando Rogério Ceni foi expulso antes do primeiro gol cruzmaltino. A lista inclui um grande número de ex-corintianos — afinal, o Corinthians foi o clube mais enfrentado por Rogério Ceni na carreira: 49 vezes, contra 47 diante santistas e 41 contra palmeirenses.

Romário contra Ceni, no Rio-São Paulo de 2001: maior carrasco

Getúlio R. Silva
Cabo Frio (RJ)

Depois da linda conquista do Macaé, gostaria de saber quais foram todos os campeões brasileiros da série C.

Em 1981, a série C ainda era a Taça de Bronze. E o Olaria foi campeão

ANO	CAMPEÃO*
1981	OLARIA
1987	OPERÁRIO-MS** E AMERICANO-RJ***
1988	UNIÃO SÃO JOÃO
1990	ATLÉTICO-GO
1992	TUNA LUSO
1994	NOVORIZONTINO
1995	XV DE PIRACICABA
1996	VILA NOVA-GO
1997	SAMPAIO CORRÊA
1998	AVAÍ
1999	FLUMINENSE
2000	MALUTROM
2001	PAULISTA
2002	BRASILIENSE
2003	ITUANO
2004	UNIÃO BARBARENSE
2005	REMO
2006	CRICIÚMA
2007	BRAGANTINO
2008	ATLÉTICO-GO
2009	AMÉRICA-MG
2010	ABC
2011	JOINVILLE
2012	OESTE
2013	SANTA CRUZ
2014	MACAÉ

*** Não houve torneio de 1982 a 1986 e em 1989, 1991 e 1993 ** Campeão do Módulo Branco *** Campeão do Módulo Amarelo**

Tássio Rangel
tassio-rangel@hotmail.com

Por que não fazem novamente o Ranking Mundial de Clubes? Queria ver como está o meu Corinthians.

R: Bom, Tássio, primeiro vamos considerar os critérios. O Ranking Mundial de Clubes, publicado há 15 anos, não considerava campeonatos de partida única, como Supercopas Europeias (e nacionais) e Recopas Sul-Americanas. Também padronizava a pontuação dos campeões nacionais — Brasileiro, Robertão e Taça Brasil tinham a mesma pontuação. O peso da Copa do Brasil era bem inferior ao do atual Ranking PLACAR (7 pontos contra os 12 dados ao campeão do torneio em 2014). Utilizando o mesmo critério de 1999, elaboramos o ranking. E o seu Corinthians foi quem mais subiu: de 41º para 21º.

O RANKING MUNDIAL DA PLACAR

2015	(1999)	CLUBE/PAÍS	PONTUAÇÃO
1º	(1º)	REAL MADRID (ESP)	771
2º	(9º)	BOCA JUNIORS (ARG)	688
3º	(10º)	BAYERN MUNIQUE (ALE)	676
4º	(2º)	JUVENTUS (ITA)	649
5º	(13º)	BARCELONA (ESP)	578
6º	(3º)	PEÑAROL (URU)	567
7º	(15º)	MANCHESTER UNITED (ING)	547
8º	(6º)	RIVER PLATE (ARG)	521
9º	(14º)	INTERNAZIONALE (ITA)	490
10º	(7º)	NACIONAL (URU)	487
11º	(5º)	AJAX (HOL)	482
12º	(11º)	INDEPENDIENTE (ARG)	466
13º	(4º)	MILAN (ITA)	463
14º	(8º)	LIVERPOOL (ING)	455
15º	(12º)	BENFICA (POR)	444
16º	(20º)	PORTO (POR)	406
17º	(22º)	SÃO PAULO (BRA)	349
18º	(17º)	SANTOS (BRA)	347
19º	(21º)	FLAMENGO (BRA)	333
20º	(16º)	RACING (ARG)	312
21º	(41º)	CORINTHIANS (BRA)	306
22º	(24º)	ARSENAL (ING)	294
23º	(23º)	LINFIELD (IRN)	292
24º	(18º)	PALMEIRAS (BRA)	276
25º	(25º)	CELTIC (ESC)	272
26º	(43º)	INTERNACIONAL (BRA)	258

Corinthians campeão mundial em 2012: pulo de 20 posições no ranking

Roberto Porto

FOGO ATÉ O FIM

Jornalista criterioso e símbolo da estrela solitária, Roberto Porto viveu sem jamais vaiar o clube que amava

POR *Dagomir Marquezi*

"Com imenso pesar, o Botafogo de Futebol e Regatas lamenta o falecimento do benemérito, jornalista, escritor e historiador botafoguense Luiz Roberto Ribeiro Porto, ou Roberto Porto, como era conhecido. Com a saúde fragilizada, ele morreu, aos 74 anos, na manhã desta quinta-feira (4 de dezembro de 2014) no Hospital do Andaraí, onde estava internado. O Botafogo decreta luto oficial de três dias e hasteia sua bandeira a meio mastro, em honra e agradecimento a este grande botafoguense."

O carioca Roberto Porto nasceu filho de comentarista esportivo (Rui Porto) em 22 de fevereiro de 1940. Estudou na Faculdade Nacional de Direito do Rio, mas aos 30 anos percebeu que não podia fugir de sua verdadeira vocação: o jornalismo esportivo. Começou como estagiário no *Jornal do Brasil*, onde chegou a editor de esportes. Escreveu também para *O Globo* (onde conviveu com Nelson Rodrigues), *O Dia*, *Jornal dos Sports*, *Tribuna da Imprensa* e o *Correio da Manhã*. Cobriu Copas, Olimpíadas e Pan-Americanos. Ninguém duvidava de sua objetividade jornalística. Mas o "Robertão" nunca escondeu sua paixão em preto e branco.

Ele enalteceu o clube a vida inteira e por isso mesmo se sentia à vontade para criticá-lo. Mas a crítica tinha um limite. "Em quase seis décadas de amor pelo Botafogo, jamais vaiei um único e escasso time ou jogador, porque o que está em jogo é a camisa alvinegra que deveria ser amada por todos", escreveu no seu blog, em 2008. "Só uma vez deixei o Maracanã antes do apito final, pois já não mais suportava a goleada que o Flamengo nos aplicava. Foi em 1959, quando perdemos por 6 x 2."

Deixou dois livros sobre seu time do coração: *Didi: Treino É Treino, Jogo É Jogo* e *Botafogo: 101 Anos de História, Mitos e Superstições*. Foi o coautor também de obras fundamentais como *História Ilustrada do Futebol Brasileiro*, *Gírias e Verbetes Futebolísticos* e o *Dicionário Popular de Futebol — O ABC das Arquibancadas*.

No fim da carreira, participava do programa *Loucos por Futebol* na ESPN Brasil, onde mantinha um blog. Porto já era um sujeito meio desligado da vida na mesma proporção em que era ligado ao Botafogo, onde recebeu o título de benemérito. Ele pertencia a uma geração de jornalistas que enfrentava o stress das redações com muito álcool e cigarros, sem pensar no amanhã. Em 2011 seu mundo desabou com a morte da segunda mulher, Ada, devastada por um câncer.

Em novembro de 2014 foi internado no Hospital de Andaraí com uma infecção nos dedos dos pés, consequência do diabetes. Já estava praticamente cego. Faleceu aos 74 anos. Mas seus livros permanecem, assim como a estrela solitária que iluminou sua vida. "Não tenho medo da morte", disse Porto no seu livro-homenagem *101 Anos*. "Só vou ficar aborrecido porque não terei notícias do Botafogo."

Se você sonha alto em seus projetos web, melhor ter um servidor que o acompanhe.
Traga o seu servidor para voar mais alto com o novo Jelastic Cloud Locaweb, agora com suporte a Ruby, Python, SSH, Node JS, APIs e Marketplace com mais de 100 aplicativos pré-instalados. É mais facilidade no deploy, cloud escalável e previsibilidade de custos para seus projetos.
Novo
Ruby
Novo
python
Java
php
node
Powered by
intel
Cloud Technology
NO TEST NO FEAR
Feeling Geek
Conheça o novo Jelastic Cloud Locaweb.
Faça o deploy agora mesmo e use por 14 dias grátis.
JELASTIC CLOUD LOCAWEB
Jelastic Cloud Locaweb
Tecnologia inteligente para seu projeto ir mais longe.
Locaweb.com.br/Jelastic
LOCAWEB
Locaweb.com.br
Copyright© 2013 Intel Corporation. Todos os direitos reservados. Intel, o logo Intel, Xeon e Xeon Inside são marcas de propriedade da Intel Corporation nos EUA e em outros países.

WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
Abril
DOSSIÊ PLACAR
SEM REGISTRO, SEM DINHEIRO, SEM COMIDA. SÃO OS ESCRAVOS DA BOLA
O redentor
JEFFERSON assume a bronca: “Minha missão é mostrar que o Botafogo pode”
Sinal verde
Contratações e cofre cheio: o Palmeiras é grande?
Eixo de Minas
Atlético e Cruzeiro botam o resto do Brasil na roda
EX-ÍDOLO DO GRÊMIO, RÉVER QUER CONQUISTAR NO INTER OS TÍTULOS QUE NÃO VIERAM NO LADO AZUL
Chega de BULLYING!
Banrisul
ISSN 977-01041760-0
9 770104 176000 01400
ED. 1400 X MARÇO 2015 X R$ 13,00
/+/ Fernando Reges / Cosmos na Amazônia / Santos / Grêmio